



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO: LICENCIATURA EM LETRAS-LIBRAS-LÍNGUA
ESTRANGEIRA**

JAILSON SANTOS DE SOUZA

**ESTRATÉGIAS DE REFERENCIAÇÃO EM TEXTOS DE ALUNOS
DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE
AMARGOSA-BA**

Amargosa- Ba

2016

JAILSON SANTOS DE SOUZA

**ESTRATÉGIAS DE REFERENCIAÇÃO EM TEXTOS DE ALUNOS
DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE
AMARGOSA-BA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para a obtenção do grau de licenciado Letras/Libras/Língua Estrangeira, do Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Orientador: Prof. Dr. Gredson dos Santos.

Amargosa-Ba

2016

JAILSON SANTOS DE SOUZA

**ESTRATÉGIAS DE REFERENCIAÇÃO EM TEXTOS DE ALUNOS
DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE
AMARGOSA-BA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para a obtenção do grau de licenciado em Letras/Libras/Língua Estrangeira, do Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Aprovado em 23 de fevereiro de 2016

Gredson dos Santos – Orientador *Gredson dos Santos*
Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia, Brasil
Professor Adjunto da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Adielson Ramos de Cristo *Adielson Ramos de Cristo*
Mestre em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia, Brasil.
Professor Assistente A da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Marília Roberta da Silva Leite *Marília Roberta da Silva Leite*
Mestra em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia, Brasil.
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

A

Ana Fonseca dos Santos, minha adorável e dedicada mãe, por estar sempre presente em minha vida, iluminando a minha existência.

Alex, Anaí, Diana, Franciscrei e Laíra, meus queridos irmãos, por terem acreditado mim.

Francisco de Jesus, meu padrasto.

Carolane Luiza, minha amada noiva.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de deixar registrados aqui meus agradecimentos a todos aqueles que contribuíram, direta ou indiretamente, não só na construção deste trabalho, mas em toda a minha caminhada, ao longo de todos esses anos em que estive no curso de Letras/Libras/Língua Estrangeira do Centro de Formação de Professores (CFP), seja com o empréstimo de materiais, com sugestões ou até mesmo com uma palavra amiga de incentivo. Portanto, dispense meus agradecimentos:

Ao meu orientador, professor Dr. Gredson dos Santos, o qual nunca mediu esforços para cooperar comigo. Lembro-me de que, nos meus momentos de sufoco e constante desassossego, ele sempre teve uma palavra amiga de conforto para fazer-me perceber que tudo pelo que estava passando fazia parte da vida. Além disso, supriu-me nos momentos que precisei de materiais bibliográficos para construir este trabalho de conclusão de curso.

À minha família, que sempre acreditou que eu entraria no curso de Letras e aproveitaria bem a oportunidade de estudar numa universidade pública.

Aos meus amigos.

Aos professores do curso de Letras/Libras/Língua Estrangeira do Centro de Formação de Professores.

Aos colegas do curso de Letras/Libras/Língua Estrangeira do Centro de Formação de Professores.

Aos servidores de todos os setores desta instituição.

Aos professores da Educação Básica que passaram pela minha vida e, de alguma forma, me influenciaram na minha trajetória.

Ao povo de Amargosa.

À Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis (PROPAAE).

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

À Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT).

RESUMO

O presente trabalho analisou estratégias de referenciação em textos produzidos por alunos do Ensino Médio de uma escola pública do município de Amargosa, mostrando como os autores empregam esses mecanismos de coesão para garantirem a construção do sentido global dos textos. Para isso, elegeu-se como metodologia a pesquisa de campo de caráter documental, na qual foram analisados os recursos de referenciação em oito (08) redações escolares, os quais foram coletados entre agosto e setembro de 2014. Os critérios para a escolha dos referidos textos foram adequação ao tipo dissertativo-argumentativo e apresentar coesão e coerência. A pesquisa contou com estudos da área da Linguística de Texto, em que sobressaem renomados autores, a exemplo de Fávero (2009), Koch (2005), Antunes (2005), entre outros. Koch (2008) afirma que a referenciação diz respeito às maneiras de introduzir entidades ou referentes novos no texto, ao mesmo tempo em que garante a progressão estrutural e discursiva do texto. Nas análises empreendidas, neste trabalho, percebemos que as estratégias de referenciação são indispensáveis para manter a progressão textual, manter o referente ativo na memória do leitor, evitar demasiadas repetições, introduzir informações novas, entre outras funções.

Palavras-chave: Referenciação. Coesão. Linguística de Texto

ABSTRACT

This study analyzed strategies of referenciation in texts produced by public school students of the city of Amargosa, showing how the authors employ these mechanisms of cohesion to guarantee construction of overall meaning of the texts. The methodology selected was field research, in which were analyzed the strategies of referenciation in eight (08) opinion articles, which were collected between August and September 2014. The criteria for the choice of these texts were adequation to dissertative and argumentative style and textual cohesion and consistency. The research used studies in the area of Text Linguistics, where they stand renowned authors, the example of Fávero (2009), Koch (2005), Antunes (2013), among others. Koch (2013) says the referenciation concerns the ways to introduce new entities or referents in the text, at the same time ensuring structural and discursive progression of text. In the analyzes undertaken, in this study, we perceived the strategies of referenciation are indispensable to keep textual progression, maintain referent asset in the reader's memory, avoid too many repetitions, introduce new informations, among other functions.

Keywords: Referenciation. Cohesion. Text Linguistics

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 LINGUÍSTICA DE TEXTO	10
2.1 COESÃO TEXTUAL	11
2.2 ESTRATÉGIAS DE COESÃO	13
3 A REFERENCIAÇÃO	15
3.1 PRINCÍPIOS DE REFERENCIAÇÃO	19
3.2 A SUBSTITUIÇÃO E A REITERAÇÃO	20
3.3 A ANÁFORA, A DÊIXIS E A INTRODUÇÃO REFERENCIAL	26
3.4 FORMAS REMISSIVAS GRAMATICAIS E LEXICAIS	29
4 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	34
4.1 “O PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO NA (RE) CONSTRUÇÃO DO TEXTO E DO SENTIDO”	34
4.2 “A REFERENCIAÇÃO EM TEXTOS DE ALUNOS DE CURSINHO PRÉ-VESTIBULAR”	35
4.3 “DESUVENDANDO O PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO NO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO PRODUZIDO POR ALUNOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA”	36
4.4 “A REFERENCIAÇÃO NOS TEXTOS DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO”	37
4.5 “UM OLHAR SOBRE A LINGUAGEM: O PROCESSO DA REFERENCIAÇÃO COMO ESTRATÉGIA PARA A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS DO TEXTO”	38
4.6 “ESTRATÉGIAS DE REFERENCIAÇÃO EM TEXTOS DA OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA: ESCREVENDO O FUTURO”	39
5 METODOLOGIA	41
5.1 A UNIDADE ESCOLAR	41
5.2 A COLETA DO <i>CORPUS</i>	42
6 ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE REFERENCIAÇÃO	44
6.1 TEXTO 1	44
6.2 TEXTO 2	46
6.3 TEXTO 3	48
6.4 TEXTO 4	50

6.5 TEXTO 5 -----	51
6.6 TEXTO 6 -----	52
6.7 TEXTO 7 -----	54
6.8 TEXTO 8 -----	
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	
REFERÊNCIAS -----	
1 INTRODUÇÃO	

Antes da década de 60 do século XX, grande parte dos estudos linguísticos desconsiderava o uso real da língua, tratando-a de maneira virtual e artificial. O Estruturalismo era uma das correntes adeptas dessa visão. Dessa forma, o estudo da língua estava centrado somente no sistema, desconsiderando-se fatores importantes como os extralinguísticos – a relação entre os interlocutores e o contexto comunicativo.

A partir da década de 1960, as correntes estruturalistas perdem espaço para teorias voltadas ao uso da língua e do texto. Em conformidade com os estudiosos da Linguística Textual, nesta pesquisa, a língua é analisada e considerada não como um produto pronto e acabado, mas como uma entidade que é fruto de uma interação entre falante e ouvinte, dentro de um contexto discursivo e comunicativo.

Nesse sentido, a concepção de texto adotada neste trabalho é aquela defendida por Beaugrande (1997) e Marcuschi (2008): *O texto é um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas* (BEAUGRANDE, 1997 apud MARCUSCHI, 2008). Essa concepção se aproxima do que ficou conhecida como virada sociointeracionista da Linguística Textual que, conforme Tormena (2007), se trata de uma corrente de pensamento das Ciências Humanas surgida no início do século XX. O sociointeracionismo defende a ideia de que as relações humanas se estabelecem através da interação dos sujeitos com o meio sociocultural no qual estão inseridos.

Assim, este trabalho, baseando-se na Linguística Textual, se propõe a observar um aspecto de textualidade (a coesão), especialmente os elementos textuais de referenciação. Assim, os principais objetivos desta pesquisa são: 1) identificar os referentes textuais – operações que os interlocutores efetuam na elaboração de seu discurso – redações produzidas por alunos do Ensino Médio de uma escola pública do município de Amargosa; 2) perceber como os mesmos são ativados e re-ativados (mantidos) no interior do texto; 3) identificar como os mecanismos de referenciação contribuem para a construção do sentido global dos textos.

Esta pesquisa justifica-se pelo fato de apresentar-se como possibilidade de se trabalhar com textos reais, porque produzidos por sujeitos que interagem num contexto de comunicação que apresenta uma funcionalidade específica na vida social deles. Os referidos textos foram produzidos em oficinas de redação e são reais na medida em que cumprem um importante papel social que é o de possibilitar aos participantes um melhor preparo para participação em concursos e vestibulares, eventos que determinam a realidade dos sujeitos em sociedade.

Além disso, a pesquisa contribui para a ampliação dos estudos referentes à análise textual, em especial os mecanismos de referenciação como alguns dos principais responsáveis tanto pela progressão quanto pela argumentação do texto. Uma terceira justificativa para o estudo desse tema é a contribuição para o ensino desse tipo de coesão, visto que a referenciação não recebe muita atenção nas salas de aula brasileiras.

Para tanto, o percurso metodológico adotado para a execução desta pesquisa tomou como base o estudo de oito (08) redações escolares de alunos do 3º ano do Centro Territorial de Educação Profissional (CETEP) do Vale do Jiquiriçá, situado no município de Amargosa, Bahia. A mesma dispensa atenção à forma como os elementos textuais se ligam nos textos, em especial a referenciação. Esta pesquisa não está preocupada apenas com o aspecto estrutural do texto, mas com questões que envolvem a produção, enquanto uma instância processual e não como um produto fechado. As pesquisas no campo da coesão que serviram de base para este trabalho se enquadram na linha teórica da Linguística Textual. Portanto, aqui recebe grande importância o contexto comunicativo, que compreende a produção, a recepção e a interpretação textuais.

Compõem este trabalho, além desta introdução, os seguintes capítulos: Linguística de Texto, em que é feita uma breve contextualização sobre a Linguística Textual; A referenciação, cujos principais objetivos são trazer algumas definições para este termo, apontar as principais estratégias de referenciação; Revisão bibliográfica, capítulo no qual apresentamos alguns trabalhos referentes às estratégias de referenciação em textos escritos; Metodologia, em que são descritos os meios para a realização da pesquisa; Análise das estratégias de referenciação, capítulo em que é realizada a análise e a descrição dos resultados; Considerações finais e Referências.

2 LINGUÍSTICA DE TEXTO

O presente capítulo aborda aspectos referentes ao surgimento e à contribuição da Linguística de Texto no âmbito das pesquisas que envolvem o estudo do texto. De acordo com Bentes (2003), a Linguística de Texto nasce no âmbito das análises funcionalistas. A autora afirma que o termo foi cunhado pela primeira vez pelo pesquisador alemão Harald Weinrich, e que a disciplina se propõe a estudar a linguagem, levando em consideração a língua enquanto elemento dinâmico, vivo, resultante de um processo de interação entre os interlocutores. Portanto, o texto é o objeto de estudo desta corrente teórica.

Bentes (2003) faz referência a três dos momentos da Linguística Textual, a saber: a análise transfrática, a gramática de texto e a teoria do texto. A análise transfrática consistia em ir além da análise frasal, partindo desta para o trabalho com o texto. Para os teóricos desta corrente, as teorias sintáticas e semânticas, por si só não conseguiam explicar os fenômenos linguísticos. De certa forma, isso já era um avanço para a época, dominada desde o início até a metade do século XX pelo Estruturalismo.

Prestando atenção às relações estabelecidas entre frases e períodos, os estudiosos descobriram o fenômeno da co-referenciação pronominal, que se dá por meio da retomada de um referente por um pronome, num determinado período do texto. Importavam, ainda, para esses pesquisadores, fenômenos como a pronominalização, a relação tópico-comentário, a concordância dos tempos verbais e a seleção de artigos.

Por outro lado, fortemente influenciados pelas ideias gerativistas, muitos desses estudiosos da linguagem passaram a pensar na elaboração de gramáticas textuais. Embora tivessem considerando o texto como objeto de estudo, esses estudiosos concebiam o texto como algo fechado, estável, uniforme, pois o pensamento ainda estava pautado na estrutura da língua.

Dessa forma, os linguistas dessa linha postulavam que “não há continuidade entre frase e texto” (BENTES, 2003, p. 249), pois o sentido não está no tamanho do texto, mas na forma como ele é elaborado. Diziam, ainda, que “o texto é a unidade linguística mais elevada” (p. 249). Postulavam também que os falantes nativos apresentam um conhecimento sobre o que seja texto, na medida em que tem plena consciência das regras do sistema linguístico.

Charolles (1989 apud BENTES, 2003) elencou três capacidades textuais que os falantes possuem. A primeira é a capacidade formativa, que os tornam capazes de produzir e compreender uma grande quantidade de textos; a segunda é a capacidade transformativa, que é a capacidade que o falante tem de refazer, reformular, resumir um texto, e tudo isso acompanhado de uma avaliação sobre o mesmo; e, por último, a capacidade qualificativa, que está ligada à capacidade que o falante possui de indicar o tipo de texto dado, se um texto é descritivo, argumentativo ou narrativo.

Bentes (2003) designa a Linguística Textual como a parte da Linguística interessada em estudar as condições de produção, recepção e interpretação textuais. Uma das grandes preocupações dos estudiosos desta área do conhecimento centra-se nos critérios de textualidade propostos por Beaugrande e Dressler (1981 apud BENTES, 2003).

Beaugrande e Dressler(1981apud BENTES 2003)elencam sete critérios de textualidade: a coerência,entendida como sendo asarticulações de ideias que conferem sentido a um texto;a coesão, que são as ligações existentes entre palavras, frases, orações e parágrafos no texto; a informatividade, que tem ligação com as informações impressas no texto;a intertextualidade, que se refere aos diversos textos que influencia o autor na produção de um determinado texto; a situacionalidade concernente às condições de produção textual; a intencionalidade, este critério se referindo às intenções do autorao produzir um texto; e a aceitabilidade, que está ligada à recepção de determinado texto pelo público. Destes critérios, este trabalho se ocupará apenas da coesão.

2. 1 COESÃO TEXTUAL

Fávero (2009), em obra que já se constitui em importantíssima referência para os estudos textuais, especificamente na área de coesão e da coerência, apresenta-nos os elementos que estruturam o texto e que, conseqüentemente, contribuem para a

compreensão do mesmo. Ela mostra que há autores que distinguem a coesão da coerência; autores que não veem distinção entre elas; e outros que preferem estudar apenas uma delas (coesão ou coerência). Neste trabalho, daremos ênfase apenas ao estudo da coesão.

Dentre os que optaram apenas pelo estudo da coesão, estão os pesquisadores Halliday e Hassan (1976)¹. Para os autores, a diferença entre um texto e um não texto é a textura, criada pela coesão. “Entendem, então, coesão como um conceito semântico referente às relações de sentido que se estabelecem entre os enunciados que compõem o texto” (FÁVERO, 2009, p. 09). Assim, eles concebem a organização da língua em três planos, que são o léxico-gramatical (referente à estrutura), o semântico (ligado ao sentido) e o fonológico-ortográfico (referente à expressão).

Se os autores citados anteriormente se fundamentavam apenas no estudo dos enunciados, segundo Fávero (2009), Isenberg (1968 apud FÁVERO, 2009) já propunha um estudo com ênfase no texto. Ele vai se preocupar tanto com a coesão como com a coerência sem, contudo, traçar um rótulo, mas mostrando em seus trabalhos fenômenos como a anáfora, a pronominalização (coesão), entre outros aspectos.

Por último, Fávero (2009, p. 10) cita Beaugrande e Dressler (1981)², que diferenciam a coesão da coerência. Eles definem a coesão como algo referente “aos modos como os componentes do universo textual, isto é, as palavras que ouvimos ou vemos, estão ligados entre si dentro de uma sequência”. Assim, a coesão está ligada à forma como os elementos linguísticos se relacionam para formar um texto e se dá dentro do texto.

Machado (2012) é uma autora que também pesquisa a coesão e a coerência textuais. Ela aponta a relação entre estas como indispensável para o sentido global do texto (textualidade). É por meio de uma boa estruturação do texto, bem como da conexão adequada entre suas partes (palavras, frases) que “surgirá a mensagem clara, o discurso, um conteúdo semântico compreensível, que permitirá de forma melhor a comunicação e a interação” (MACHADO, 2012, p. 76).

¹ HALLIDAY, M. A. K; HASSAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

² BEAUGRANDE, R.; DRESSELER, M. U. **Introduction to Text Linguistics**. Trad. ingl.: Max Niemyer. London: Longman, 1981.

Apesar de considerar que coesão e coerência se relacionam no texto, a autora distingue esses dois elementos, afirmando que um texto coeso nem sempre é um texto coerente, ou seja, um texto com as partes bem encadeadas, não quer dizer um texto que contenha sentido. A pesquisadora define a coerência como sendo “as articulações de ideias que conferem sentido a um texto” (MACHADO, 2012 p.78). E prossegue: “Ela se deve à organização global do mesmo, assegurando-lhe um princípio, um meio, um fim e ainda, uma adequação de linguagem ao tipo de texto e à observância do seu sentido, das palavras nele empregadas e das ideias expostas” (MACHADO, 2012, p.78).

Machado (2012) critica a forma como a coerência é analisada nas escolas brasileiras, mostrando que ela é colocada em segundo plano, sendo tratada como uma consequência de um texto coeso. Para ela, a coerência merece uma análise muito mais detalhada do que vem sendo realizada nos estudos textuais.

Já a coesão textual “caracteriza-se como sendo as articulações gramaticais existentes entre palavras, frases, orações, parágrafos e partes maiores de um texto, garantindo dessa maneira a unidade entre essas diversas partes que o compõem” (MACHADO, 2012, p. 80). A coesão, portanto, conforme a autora, está mais relacionada com os elementos gramaticais e à ligação entre as orações e os períodos dentro do texto.

Machado (2012), amparando-se em Oliveira aponta que a coesão se dá no âmbito semântico e sintático. Desse modo, ela não requer apenas os elementos linguísticos, mas depende de elementos de ordem lexical. Alguns desses elementos estão enquadrados na coesão referencial, os quais serão detalhados na próxima seção.

2.2 ESTRATÉGIAS DE COESÃO

Fávero (2009), em seu trabalho *Coesão e coerência textuais*, aponta os mecanismos de coesão que podemos encontrar nos textos, para os quais traz uma série de exemplos. Ela cita três importantes mecanismos coesivos: a coesão referencial, a coesão recorrencial e a coesão sequencial. As duas últimas serão abordadas abaixo. A coesão referencial terá, nesta monografia, uma seção à parte.

A coesão recorrencial está ligada à progressão do fluxo informacional do texto. Fávero (2009) aborda quatro casos deste tipo de coesão: recorrência de termos; paralelismo sintático; paráfrase; recursos fonológicos segmentais e suprasegmentais. A pesquisadora cita Dressler (1982 apud FÁVERO, 2009) para dizer que a recorrência de termos serve para enfatizar um termo e dá exemplo:

(1)

“Irene preta

Irene boa

Irene sempre de bom humor” [...].

O paralelismosintático se dá pela reutilização das mesmas estruturas do texto, em que só o que muda é o conteúdo, como no poema transcrito acima. Nele, percebe-se que o termo Irene se repete três vezes nos versos do poema e que, além de dar ênfase a um determinado termo, também insere musicalidade ao poema. A paráfrase é um modo de reformular o texto original, segundo as interpretações criativas do leitor.

Fávero (2009) afirma que os recursos fonológicos também funcionam como elementos de coesão, porém recebem pouca atenção da Linguística de texto. Mais adiante aponta o ritmo (sucessão de movimentos num jogo de tensão e distensão) como mais um item responsável pela coesão. Dentro da análise rítmica, há o silêncio que pode representar a negação de uma resposta, uma pausa para pensar, o fim do texto, etc. Há também a entoação que é a forma como é emitida a altura do tom no texto. Esta possui a função distintiva, pois ‘a melodia do texto é diferente da melodia da frase’; e a função demarcativa, porque ‘delimita as porções textuais’.

No estudo dos recursos fonológicos, há ainda os recursos de motivação sonora, dado pelas aliterações (repetição de *fonemas consonantais* em frases ou versos seguidos), assonâncias (repetição de *fonemas vocálicos* em frases ou versos seguidos), ecos, etc.

No que tange à coesão sequencial, a autora afirma que é o elemento responsável por manter a sequência do texto, permitindo a sua progressão. E a distingue entre dois

tipos: a sequenciação por conexão – dada pelo emprego dos conectivos lógicos (as conjunções) – e a sequenciação temporal.

Para a autora, todo texto coeso obedece a uma sequenciação temporal. Por isso, ela restringe o termo, usando para indicar o tempo do “mundo real”. E afirma que se pode obter a sequenciação temporal: 1) pela ordenação linear dos elementos (ex: Vim, vi e venci); 2) através de expressões que assinalam a ordenação ou continuação das sequências temporais (*Primeiro* vi a moto, *depois* o ônibus); 3) por partículas temporais (ex: não deixe de vir *amanhã*); e pela correlação dos tempos verbais (ex: *ordeneique* deixassem a casa em ordem).

3A REFERENCIAÇÃO

No presente capítulo é realizado um breve mapeamento das pesquisas na área da referenciação, estabelecendo a diferença entre esta e a referência. Ela visa traçar um pequeno histórico referente às origens do termo, apontar os principais mecanismos referenciais, assim como algumas definições de referenciação.

Silva Filho e Rodrigues (2011) fizeram um estudo sobre a referenciação em uma matéria jornalística. Eles iniciaram estabelecendo uma diferença entre referência e referenciação. De acordo com Silva (2013), o termo referenciação é relativamente novo e foi criado pela pesquisadora Lorenza Mondada, em 1994, na Suíça, referindo-se à “descrição de processos discursivos que se verificam na introdução de um objeto, nos ajustes que ele sofre quando vai participando da configuração complexa de um texto e na passagem de um objeto a outro” (CAVALCANTE, 2011, p. 9 *apud* SILVA, 2013, p. 83).

Referência, para Silva Filho e Rodrigues (2011) é um conceito mais limitado, pois o referente é tratado como um elemento autônomo, independente do pensamento e da linguagem. Desse modo, a referência se realiza através da percepção do mundo traduzida em linguagem.

Conforme Silva Filho e Rodrigues (2011), a concepção de referência passa a ser questionada, uma vez que o dito ‘mundo objetivo’ vai depender da percepção de cada um e que esta percepção é subjetiva. Eles mostram que Mondada e Dubois (2003)

³substituem esse conceito pelo conceito de referenciação. A referenciação, assim, é definida:

O problema não é mais, então, de se perguntar como a informação é transmitida ou como os estados do mundo são representados de modo adequado, mas de se buscar como as atividades humanas, cognitivas e linguísticas, estruturam e dão um sentido ao mundo. Em outros termos, falaremos de *referenciação*, tratando-a, assim como a categorização, como advinda de práticas simbólicas mais que de uma ontologia dada (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 20, grifo das autoras, apud SILVA FILHO; RODRIGUES, 2011).

Nota-se, nesta citação, que a referenciação não é algo estático como a referência. Os estudos ligados à referenciação estão preocupados com as atividades responsáveis por dar sentido às interações dos sujeitos no mundo. Mais adiante, Silva Filho e Rodrigues (2011) se baseiam em Marcuschi (2008) para informar que referência e referenciação convivem juntas nos estudos semântico-discursivos e que a referência ainda predomina muito fortemente nos estudos do texto, embora não dê conta suficiente de todos os elementos que compõem o universo discursivo.

No que diz respeito, ainda, à contraposição entre a referência e a referenciação, Oliveira (2010, p. 24) faz a seguinte afirmação

acredita-se que os objetos são estáveis e dados, e que possuem características “essenciais”, “intrínsecas” e “inerentes”, independente de sua evolução após sofrer mudanças materiais (op. cit: 21). Todavia, esta visão de referência é marcada por problemas e dificuldades como negligências, falta de precisão e dificuldade de nomear. Por essas dificuldades, teorias atuais (Marcuschi, 2001; Mondada e Dubois, 2003) buscam entender como as atividades cognitivas e linguísticas estruturam-se e passam a dar significado ao mundo. Passa-se a ter um olhar mais dinâmico ao objeto real que é construído no mundo e pelo

³ MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

mundo nas atividades sociais. Passa-se a falar de **referenciação** e não mais de referência.

O que se vê é uma convergência entre o pensamento de Oliveira (2010) e Silva Filho e Rodrigues (2011). As ideias apontam para o fato de que os ‘objetos’ não são entidades dadas, em outras palavras, que o discurso não nasce pronto, como sugere a referência. Ao contrário disso, a referenciação postula que os discursos são ‘dinâmicos’, pois dependem das relações estabelecidas entre os interlocutores numa situação real de suas vidas.

Ao abordar as ideias de Cardoso (2003)⁴, Silva Filho e Rodrigues (2011) afirmam que esta autora se contrapõe ao pensamento dos pós-modernistas e antirrealistas que negam a realidade e consideram-na como uma construção discursiva. Para Cardoso (2003), antes do discurso existe uma situação real, a qual apenas será transformada e reelaborada pela linguagem. Assim, o processo de referenciação é uma atividade discursiva, por meio da qual os sujeitos sociais se posicionam de acordo com a sua necessidade comunicativa.

Ao se referirem à progressão referencial, Silva Filho e Rodrigues (2011) afirmam que esta se trata de operações que são efetivadas com um ‘objeto-de-discurso’, na construção textual, compreendendo (1) introdução (construção); (2) retomada (manutenção); e a desfocalização. A concepção de introdução é autoexplicativa: mecanismo que introduz um elemento ainda não aludido no texto, o qual ocupa um lugar de evidência. A retomada visa manter o objeto-de-discurso em foco, atualizando-o através de elementos referenciais. E a desfocalização ocorre quando um novo objeto de discurso é introduzido e tira o objeto anterior de foco.

Mais adiante, Silva Filho e Rodrigues (2011) discorrem sobre as principais estratégias de progressão referencial, a saber: a) o uso de pronomes, categoria que abarca os numerais, os advérbios pronominais e as elipses (pronomes neutros); b) expressões nominais indefinidas; c) expressões nominais definidas.

⁴ CARDOSO, S. H. B. **A questão da referência**: das teorias clássicas à dispersão de discursos. Coleção Linguagem e Sociedade. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

Por expressões nominais indefinidas, Silva Filho e Rodrigues (2011) entendem que se tratam da estratégia de referenciação em que um artigo indefinido antecede um nome. Retomando as ideias de Koch (2002 apud SILVA, RODRIGUES 2011), eles mostram que essas expressões podem ser usadas para:

- 1) fazer a seleção de um referente em um conjunto anteriormente citado;
- 2) dar nome a um referente não mencionado antes;
- 3) produzir um clima de suspense, por não deixar claro qual é o referente.

Abaixo, há um exemplo abarcando as três funções das expressões nominais indefinidas descritas anteriormente:

(2) Os bichos do zoo pareciam-lhe tristes simulacros dos animais que vira pelas matas. *Um macaco em especial*, retirado a um canto da jaula, com o olhar vazio, inspirou-lhe terrível piedade. (Silva Filho e Rodrigues, 2011, p. 11).

O enunciado é iniciado com o SN nominal *os bichos do zoo*, que se trata de um conjunto enorme de animais. Então, notamos que para especificar uma determinada espécie de animal, o autor empregou a expressão *um macaco em especial*. Fazendo isso, ele nomeia o referente que ele pretende enfatizar em seu projeto discursivo.

A respeito das expressões nominais definidas, Silva Filho e Rodrigues (2011) afirmam que elas são estratégias referenciais por meio das quais determinantes e/ou modificadores acompanham o nome, sendo responsáveis por manterem a progressão textual. As expressões nominais definidas podem ocorrer através do uso de nominalizações, de descrições definidas, de anáforas indiretas e de rotulações metalinguísticas. O exemplo a seguir ilustra bem esse tipo de expressão:

(3) (...) foi implantada a *Lei Seca* que ao dirigir não pode ingerir bebidas alcoólicas. Se o indivíduo não obedecer, pode ser punido e multado e levar seu carro preso. *Com essa lei*, se obteve reações positivas como diminuição de acidentes e vítimas feridas. (Extraído do texto 1).

No exemplo 3, vê-se que o referente *Lei Seca* da primeira linha é retomado na terceira linha pela expressão nominal definida *com essa lei*, o que favorece a continuidade temática do enunciado. Nota-se ainda que a expressão é introduzida pelo

pronome demonstrativo essa sugerindo, cataforicamente, que o referente já foi mencionado anteriormente.

Gonçalo e Colamarco (2013), ao conceituarem a referenciação afirmam que esta se trata de um recurso utilizado para introduzir novas entidades no texto, tendo como principais funções dar sentido ao texto e manter a sua progressão. Nas palavras das autoras:

A nomeação do referente envolve uma reflexão sobre o próprio dizer, o qual faz com que a seleção referencial mais apropriada se dê com base no receptor, nos propósitos comunicativos, no contexto, no gênero textual em questão, etc. O produtor textual pode ter a intenção de criticar algo, de ressignificar um termo em evidência, de causar humor, dentre outras opções fazendo com que haja uma grande instabilidade nessa nomeação dos referentes. (GONÇALO; COLAMARCO, 2013, p. 48).

O trecho acima mostra que discurso algum é vazio de intencionalidade. Por esse motivo, o enunciador se preocupa em selecionar os elementos que melhor ajudam a convencer o receptor de seu discurso. Sendo assim, o discurso varia de enunciador para enunciador, a depender da sua intenção, da pessoa com quem se fala e da situação comunicativa.

3.1 PRINCÍPIOS DE REFERENCIAÇÃO

Azanha (2007), estudando a constituição da *referenciação em textos jornalísticos oralizados em reportagens do telejornal* sobre a situação da política brasileira, concebe a referência como uma forma de *reelaboração de conhecimentos*, no discurso. A autora afirma que essa reelaboração depende das condições sociais, históricas, culturais e de processos decorrentes da utilização da língua.

A pesquisadora afirma, também, que o modo como o discurso representa o real atua como uma *memória compartilhada*, a qual é reforçada pelo próprio discurso, que é

dinâmico e estratégico. Sendo assim, é o conhecimento de mundo do escritor/falante que vai decidir como a referenciação será realizada, ou seja, como as ideias serão dispostas para a progressão textual e, conseqüentemente, a compreensão do leitor/ouvinte. Dessa forma, para Azanha (2007),

uma vez produzidos os discursos, as informações implícitas serão integradas à memória discursiva e, posteriormente, da anáfora que, para Berrendoner (1986) citado em Koch (2004), caracteriza-se por *retomada informacional*, sobre a qual intervém saberes linguísticos construídos pelo próprio texto e conhecimentos inferenciados conforme conhecimentos lexicais prévios.

Nesse sentido, a referenciação introduzida pela anáfora aparece não só para manter a progressão textual, em temas estruturais, mas também para atualizar o fluxo informacional do texto, através dos conhecimentos prévios do leitor. Para ativar essa memória discursiva, o interlocutor se utiliza de alguns princípios de referenciação, quais sejam: 1) construção/ativação – introdução de um referente que até então não havia sido mencionado; 2) reconstrução/reativação – reintrodução de um referente já presente na memória discursiva; e 3) defocalização/desativação – introdução de um novo referente, o qual ocupa o lugar do elemento anterior, este podendo ser retomado novamente no decorrer do texto. Conforme a autora, todos esses fatores podem ocorrer no mesmo texto.

Nesta pesquisa, a autora percebeu que, reservadas as suas especificidades, a constituição da referenciação na fala acontece da mesma forma que nos textos escritos, ainda que haja a participação de vários interlocutores com diferentes discursos.

3.2 A SUBSTITUIÇÃO E A REITERAÇÃO

Em amplo estudo sobre coesão e coerência intitulado *Lutar com palavras: coesão e coerência*, Antunes (2005) busca dar uma visão geral do que são os recursos coesivos, elencando quatro formas de manter a coesão textual. Assim, ela aponta os recursos da repetição, os da substituição, a coesão pela associação semântica entre as palavras e a coesão através da conexão.

Conforme a estudiosa, a repetição desempenha um papel muito importante no texto, que é o de dá ênfase a determinadas palavras ou expressões contidas nele. Já os recursos da substituição são usados para fazer referência através da substituição de palavras por outras que lhe equivalham semântica ou textualmente. Esses recursos estão divididos em substituição gramatical, substituição lexical e retomada por elipse.

No que diz respeito à substituição gramatical, Antunes (2005) define-a como um recurso coesivo, pelo qual se substitui uma palavra por um pronome ou um advérbio, o que contribui para a continuidade do texto, imprimindo-lhe sentido ao *assegurar a cadeia referencial do texto*. Contudo, embora a pesquisadora se refira ao advérbio como um elemento de substituição gramatical, ela se aprofunda muito mais no estudo dos pronomes. Para ela, estes “constituem uma classe particular de expressões referenciais, isto é, de expressões pelas quais nós nos referimos às coisas ou às pessoas” (ANTUNES, 2005, p. 86) e que funcionam como elementos de substituição que garantem a continuidade do fluxo informacional do texto.

De acordo com Antunes (2005), duas são as formas de se fazer uma substituição através de pronomes: a anafórica e a catafórica. A anafórica é empregada para fazer remissão, através de um pronome, a um termo mencionado antes no texto, como se pode perceber no seguinte exemplo:

(4) A *rede* antes de tudo é uma maneira de aproximar as pessoas e não uma ferramenta para especular ou despertar cobiça. É necessário reaver o jeito como se utiliza *as redes* no século XXI. (Extraído do texto 8).

Nota-se, no exemplo 4, que o referente é retomado pelo elemento anafórico *as redes*. A anáfora é um recurso que, em certo sentido, prende a atenção do leitor, pois mantém o referente ativo na memória do leitor .

Por outro lado, na catáfora, o pronome é empregado antes do nome para fazer referência a um componente que ainda vai aparecer no texto, isto é, pela remissão catafórica se ‘anuncia’ o referente previamente, como mostra o exemplo abaixo:

(5) Muita e muita gente já *a* desejou. Alguns *a* tiveram. Ao longo da década de 80, *ela* deslumbrou o Brasil desfilando nas passarelas do Rio de Janeiro. Os anônimos que *a* desejaram, é natural já esqueceram. *Ela* se chama Josette Armênia de Campos Rodrigues... (ANTUNES, 2005, p. 87-88).

É de se notar, no exemplo, que o emprego do pronome do caso oblíquo *a* e do pronome *ela* antecipam uma série de informações até chegar ao referente *Josette Armênia de Campos Rodrigues*, criando-se, assim, um clima de suspense e exaltando-se as qualidades da referida personalidade.

Embora, segundo Antunes (2005), a substituição seja introduzida por pronomes e advérbios, a autora esclarece que não há sentido em se preocupar apenas com os tipos de pronomes, mas reconhecer sua função na construção textual. Nas palavras da autora: “... significa muito pouco saber reconhecer as muitas subdivisões dos tipos de pronome, saber que nomes eles têm, por exemplo, se não sabemos que função eles desempenham na construção do texto e que restrições de uso eles impõem à sua sequência” (ANTUNES, 2005, p. 89).

No que diz respeito à substituição lexical, Antunes (2005) afirma que ela é um recurso de coesão no qual uma palavra *textualmente* equivalente substitui outra e que está mais ligada ao campo da experiência do interlocutor. A autora acrescenta que esse tipo de substituição não se dá de maneira aleatória, mas “supõe um ato de interpretação, de análise, com o objetivo de se avaliar a adequação do termo substituidor quanto ao que se pretende conseguir” (ANTUNES, 2005, p. 97). Para a autora, ao se fazer tanto a substituição gramatical como a lexical, o usuário deve se preocupar em utilizar uma palavra que permita a manutenção do sentido global do texto para que não comprometa o seu teor discursivo.

Segundo Antunes (2005), compõem recursos da substituição lexical, os sinônimos, os hiperônimos e as expressões descritivas que podem substituir uma palavra, um período ou um parágrafo inteiro. Por sinonímia entende-se a substituição de uma palavra por um termo que guarde o mesmo sentido ou um sentido aproximado da palavra que foi substituída. A pesquisadora faz questão de frisar que o emprego do sinônimo não é rígido nem perfeito e que só no texto é que se vai decidir pelo uso do sinônimo adequado.

Quanto à função dos sinônimos, Antunes (2005) aponta que eles sustentam a continuidade temática do texto, visto que *possibilitam a formação de uma cadeia*. Funciona, ainda, como forte elemento de manutenção do fluxo informacional e de persuasão, podendo ser responsável por obter o interesse do interlocutor.

(6) (...) se alguém quer abrir uma conta seja no Facebook, Twitter, Instagram corre *risco* e é preciso se informar antes para não expor a sua vida pessoal, correndo *perigo* de ser assassinado. (Extraído do texto 6).

No exemplo 6, convém chamar a atenção para o emprego do sinônimo *perigo*, na segunda linha do enunciado, para se referir à palavra *risco*. Note-se que ele evita a repetição da mesma palavra na frase e garante a sua progressão temática.

Já, “os hiperônimos como o próprio nome indica, são ‘palavras gerais’, ‘palavras superordenadas’ ou ‘nomes genéricos’ com os quais se nomeia uma classe de seres ou se abarcam todos os membros de um grupo” (ANTUNES, 2005, p. 102). Percebe-se, nessa definição que Antunes (2005) inclui os nomes genéricos dentro dos hiperônimos, diferente de Koch (2005) e Fávero (2009), como veremos mais adiante, que preferem separá-los, divergência esta que está relacionada ao período de publicação dos trabalhos das autoras.

Conforme Antunes (2005), os hiperônimos, assim como os sinônimos, também garantem a articulação das partes do texto, *uma vez que encadeiam dois segmentos, que dois segmentos serão interpretados como equivalentes*. Nesses termos, admite-se que há hiperônimos mais gerais, os quais substituem um grande número de palavras e são mais frequentes nos textos; e os de empregabilidade mais rígida, que tem o papel de designadores rígidos e são mais empregados no meio científico. Os exemplos abaixo procuram ilustrar o emprego do hiperônimo.

(7) Graças a Deus eu não experimentei a força e a eficiência do *air bag*, pois nunca fui vítima de um acidente. Mas sou altamente a favor do *equipamento*. Jamais soube de casos em que pessoas que dirigiam um carro com esse *dispositivo* tiveram um ferimento mais grave (...) (ANTUNES, 2005, p. 105).

Percebe-se, no exemplo acima, que os termos *equipamento* e *dispositivo* se remetem à palavra *air bag*, porém como estes são termos bem amplos poderiam substituir qualquer outra palavra. Abaixo, tem-se o exemplo do emprego do designador lógico.

No que concerne à modalidade de substituição referida por Antunes (2005) como *caracterização situacional*, tem-se que este é um recurso que retoma um referente textual por meio de uma expressão que o descreve de acordo com o que é relevante

focar numa dada situação enunciativa. Referente textual ou elemento de referência é o componente textual que sofre (re) construções, por meio das quais se mantém a progressão textual, a partir dos mecanismos de referência. Dentre os vários exemplos que a autora apresenta, cita-se um, a fim de ilustrar o conceito de *caracterização situacional*.

(8) Deu-se que Pedrinho estava brincando no jardim e, sem querer, jogou a bola por cima do travessão. *A dita* foi contra uma vidraça e despedaçou tudo. Pedrinho botou a bola debaixo do braço e sumiu até a hora do jantar, com medo de ser espinafrado pelo pai (ANTUNES, 2005, p. 109).

A expressão *a dita* está, de certa forma, atribuindo uma característica à bola de modo a transparecer que algo de incomum aconteceu, que é justamente o fato de a bola ter atingido a vidraça e tê-la destruído, o que deixou Pedrinho encrencado e, por isso, bastante temeroso.

A referenciação pode acontecer, como mencionado antes, por meio da elipse. Conforme Antunes (2005) ela é um recurso coesivo, por meio do qual se omite um termo, uma expressão ou uma frase referida antes no texto, a qual é recobrada por um elemento do contexto, garantindo assim a *concisão e a leveza de estilo*.

(9) O analfabetismo funcional é também um problema para toda a população a partir do momento em que interfere nos índices de educação do país, no mercado de trabalho e no futuro da nação. (Extraído do texto 7).

No exemplo em questão, a elipse está expressa através da expressão *interfere nos índices de educação do país*, em que fica subentendido que é o analfabetismo um fator que atrapalha o progresso educacional do país. Por meio do emprego da elipse, além de se garantir a *concisão e a leveza de estilo*, evita-se muitas repetições no texto.

Fávero (2009) também faz uma abordagem sobre a coesão referencial, que, de acordo com ela, se refere aos elementos linguísticos que aparecem no texto e que tem a função de fazer referência a algo que possibilite a compreensão textual. Conforme a estudiosa, ela pode ser obtida através da substituição ou da reiteração.

A substituição ocorre quando um item textual é retomado ou precedido por uma proforma (substitutos textuais); quando um elemento retoma outro, antecedendo-o,

ocorre a anáfora; quando sucede, ocorre a catáfora. Conforme a autora, quatro são os tipos de proformas: pronominais, verbais, adverbiais e numerais. Fávero (2009) elenca seis características da substituição:

- 1) são proformas apenas os pronomes pessoais de 3ª pessoa;
- 2) anaforicamente, a proforma pronominal só pode substituir um nome se este estiver explícito no texto;
- 3) a substituição da proforma pronominal não ocorre quando o enunciado for uma negação.
- 4) a definitivização é entendida aqui como a propriedade que o artigo definido tem de transformar uma entidade indefinida em uma forma definida.
- 5) as proformas verbais são introduzidas pelos verbos ser e fazer, onde o verbo fazer só pode substituir verbos que indicam ação e sempre deve aparecer diante de uma forma pronominal, como se pode notar no exemplo abaixo:

(9) Lúcia corre todos os dias, no parque. Patrícia *faz o mesmo* (FÁVERO, 2009, p. 22).
- 6) a elipse é um elemento de substituição, que fica subentendido no texto.

A reiteração é definida por Fávero (2009) como a “repetição de expressões no texto”; ela aborda cinco formas de reiteração:

- 1) Repetição do mesmo termo:

(10) Os índices de violência física e verbal contra mulheres no Brasil diminuiram um pouco, pois as leis precisam ser mais rigorosas.(...) ocorre mais de dois milhões de casos de violência doméstica e familiar por ano. (Extraído do texto 5).

- 2) Emprego de sinônimos.

- 3) Emprego de hiperônimos e hipônimos. Os hiperônimos ocorrem “quando o primeiro elemento mantém com o segundo, uma relação todo-parte, classe-elemento; quando o primeiro elemento mantém com o segundo uma relação parte-todo, elemento-classe, tem-se o hipônimo” (Fávero, 2009, p. 24). Abaixo há um exemplo para cada um dos termos definidos.

(11) Gosto muito de *doces*. *Cocada*, então, adoro. (FÁVERO, 2009, p. 24). (Hiperônimo).

(12) Os *corvos* ficaram à espreita. As *aves* aguardavam o momento de se lançarem sobre os animais mortos. (FÁVERO, 2009, p. 24). (Hipônimo).

4) expressões nominais definidas, que são a retomada do mesmo fenômeno por diferentes recursos linguísticos, estas dependendo, para a interpretação, do conhecimento de mundo de cada um, não apenas o conhecimento linguístico.

5) nomes genéricos são nomes gerais como “gente”, “coisa”, “pessoa”, “negócio” que exercem o papel de anafóricos.

(13) “Até que o mar, quebrando um mundo, anunciou de longe que trazia nas suas ondas *coisanova*, desconhecida, forma disforme que flutuava, e todos vieram à praia na espera... E ali ficaram, até que o mar, sem se apressar, trouxe a *coisa*, e depositou na areia surpresa triste, um homem morto...” (ALVES, 1984 apud FÁVERO, 2009).

No exemplo 13, o nome em itálico *coisa* refere-se a expressão *coisa nova*, atendendo muito bem ao propósito comunicativo do autor, que é o prender a atenção do leitor por meio do suspense, que o mesmo revela ao final quando assinala que a coisa se trata de um homem morto.

3.3A ANÁFORA, A DÊIXIS E A INTRODUÇÃO REFERENCIAL

Tomando a referência como *um processo de negociação realizado pelos falantes no momento da interação, à medida que o discurso se desenvolve*, Ciulla (2008) faz um estudo sobre os processos referenciais em contos. A autora entende que “... não somente os elementos “puramente” linguísticos estão envolvidos no processo de referência, mas também o mundo e os próprios falantes, com suas atividades de apontamento e percepções das coisas do mundo” (CIULLA, 2008, p. 20).

Dessa forma, Ciulla (2008) derruba a tradicional ideia de que a referência está ligada somente aos elementos linguísticos do texto e propõe que se pense nela como dependente das condições discursivas, das quais fazem parte o contexto, os interlocutores que, por sua vez, são responsáveis pela ‘confecção’ textual-discursiva, em

outras palavras, os fatores discursivos, cognitivos, linguísticos e sociais. Nas palavras da autora,

os falantes, os objetos, os interesses e as circunstâncias histórico-sociais não apenas contam, mas devem ser vistos em conjunto, ao lado da situação imediata em que os falantes estão envolvidos no momento da interação; e o texto, portanto, deve ser visto como emergente da dimensão discursiva. A definição que se aproxima dessa noção é a que encontramos em Cavalcante (no prelo), para quem o texto é algo que se abstrai da relação entre texto, leitor e autor, dentro de um contexto sociocultural específico; dentro dessa perspectiva, o texto não é simplesmente uma superfície material que conduz ao discurso, mas é visto como indissociável dele e é definido pelo uso. (CIULLA, 2008, p. 22).

Portanto, para Ciulla (2008), o que define as funções textuais é o uso provindo da interação entre os usuários da língua; é a partir da interação entre os falantes que se tece o texto, que se tece o discurso, os quais são inseparáveis, pois não há texto vazio de sentido, porque todo e qualquer texto é carregado de intencionalidades. E pelo texto ser produzido para atender a uma demanda discursiva, ele jamais profere um discurso neutro, um discurso que não seja para expressar um determinado ponto de vista.

A par dessas considerações, Ciulla (2008) faz críticas contundentes sobre a visão que alguns pesquisadores têm diante de três recursos referenciais, quais sejam a anáfora, a dêixis e a introdução referencial. Segundo a autora, anáfora é o processo no qual há referência a um objeto que aciona uma fonte já mencionada no texto ou que está na memória compartilhada entre os interlocutores.

Elegemos como traço primordial de um anafórico, em Ciulla (2002), a sua característica de não necessariamente recuperar um antecedente, mas depender sempre de pistas fornecidas pelo cotexto, que lhe sirvam de fonte. Isto significa dizer que os casos de anáfora não se limitam aos de retomada, isto é, aos casos de anáfora correferencial; as anáforas podem também fazer uma remissão a um elemento-fonte

que aparece no texto, para, a partir dele, instituir um novo referente ao discurso. (CIULLA, 2008, p. 48).

Percebe-se, no trecho acima, que a estudiosa critica a concepção do processo anafórico como sendo um recurso meramente de substituição do antecedente, através do emprego de pronomes, restringindo-o apenas enquanto *associação de unidades lexicais*, como propunha Milner (1982)⁵.

Ela critica, também, a ideia dicotômica entre anáforas diretas e indiretas. Tradicionalmente, as anáforas diretas são apontadas como aquelas que se remetem a elementos já aludidos no texto; as indiretas são aquelas que introduzem novos elementos discursivos por meio de informações inferíveis no texto. Nesse sentido, há a divisão entre o contexto linguístico (léxico) e o extralinguístico (cognição), o que a autora discorda completamente, por acreditar que ambos estão inter-relacionados. Para, ela, portanto, essa subclassificação é dispensável, pois toda anáfora pressupõe, dentre outros processamentos cognitivos, as inferências.

Já a dêixis, para a autora, é o processo referencial que indica a posição do falante no tempo ou no espaço e que presta informações que ajudam na construção de referentes. Abaixo, há um exemplo referente a esse processo referencial dado pela própria autora, em sua pesquisa:

(14) Estimado Antônio.

Saudações.

Esta carta será a última que **minha mão** te escreve. **Ontem** choveu teve desculpa, hoje uma bonita noite, esperei até às nove horas, você não veio e sei que sou desprezada. [...].

P.S. Peço um dinheirinho pelo menino, estou apurada para pagar uma conta e a pessoa esperando **aqui**. (Dalton Trevisan, *Ismênia, moça donzela*).

Como se pode notar, termos como *minha mão*, *ontem* e *aqui* marcam quem fala, o tempo e o espaço em que o enunciador produz o seu discurso, o que de acordo com a

⁵ MILNER, J-C. *Ordres et raisons de la langue*. Paris: Seuil, 1982.

classificação tradicional, configuram-se, respectivamente, como dêixis pessoal, temporal e espacial. Contudo, conforme Ciulla (2008), os recursos dêíticos só têm clareza se se souber quem fala e em que momento e lugar se situam o ato enunciativo.

Conforme Ciulla (2008), Fillmore (1982)⁶ acresceu, aos três tipos, a dêixis discursiva e a dêixis social, aquela correspondendo ao contexto discursivo e, esta última, à relação estabelecida entre os falantes na comunicação. Afirma ainda que, para Cavalcante (2000)⁷, a dêixis social tem uma grande relação com a dêixis pessoal.

Para Ciulla (2008), tradicionalmente a Linguística sempre dividiu a anáfora e a dêixis. Entretanto, ela defende a tese de que a anáfora e os dêíticos discursivos se convergem, pelo fato de os dêíticos guardarem as mesmas funções da anáfora encapsuladora, que é justamente o ato de fazer referência a elementos de dentro do texto e encapsular (resumir) os termos no discurso. Como prova de que esses dois recursos podem se ligar no texto, a autora traz um exemplo:

(15) Felipe e Rodrigo gostam de futebol; **este** torce pelo Inter, enquanto **aquele** torce pelo Grêmio. (Citado por CIULLA, 2002, p.73).

Os demonstrativos em negrito possuem a função de indicar, espacialmente, a posição de cada enunciador e, ao se referirem aos nomes Felipe e Rodrigo, os mesmos termos se comportam como elementos anafóricos.

Em relação à introdução referencial, Ciulla (2008), primeiramente, refuta a concepção de Cavalcante (2004 apud CIULLA, 2008), para quem a introdução referencial ocorre “quando um objeto for considerado novo no cotexto e não tiver sido engatilhado por nenhuma entidade, atributo ou evento expresso no texto” (CAVALCANTE, 2004 apud CIULLA, 2008, p. 67).

Ciulla (2008), por sua vez, compreende a introdução referencial como um recurso em que um novo referente é introduzido no discurso não havendo a ativação de qualquer outra fonte que não o conhecimento enciclopédico. Em outras palavras, para ela, esse recurso não se limita apenas ao cotexto, mas, por necessitar do conhecimento

⁶ FILLMORE, C. Towards a descriptive framework for spatial deixis. In: JARVELLA, RJ.; KLEIN, W. (eds.) **Speech, place and action: studies in deixis and related topics**. New York: John Wiley and Sons, 1982, p.31-59.

⁷CAVALCANTE, M.M. **Expressões indiciais em contextos de uso: por uma caracterização dos dêíticos discursivos**. 2000. 204 f. Tese de Doutorado em Linguística – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

enciclopédico, o mesmo é considerado um recurso dependente do contexto para que se obtenha sentido.

3.4 FORMAS REMISSIVAS GRAMATICAIS E LEXICAIS

Koch (2005), em sua obra *Coesão Textual*, faz um amplo estudo acerca da coesão, na qual, dentre outros aspectos, ela aponta os mecanismos coesivos presentes nos textos. Interessa, nesta parte do trabalho, o estudo que ela fez a respeito da *coesão referencial*. A pesquisadora concebe a coesão referencial como um mecanismo pelo qual “um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) nela presentes ou inferíveis a partir do universo textual” (KOCH, 2005, p. 31).

O elemento da superfície do texto recebe o nome de forma remissiva ou referencial, enquanto que o componente dedutível é chamado de elemento de referência ou referente textual. Em se tratando da forma remissiva ou referencial, Koch (2005) elenca duas formas remissivas, que são as gramaticais e as lexicais. Conforme a autora, as primeiras proveem, ao leitor ou ao ouvinte, indicações de conexão textual e estão divididas em formas presas e livres.

As formas remissivas presas antecedem um nome – concordando com ele em gênero e/ou número – e os seus modificadores, exercendo papel de determinantes. As formas remissivas presas podem ser introduzidas por artigos definidos e indefinidos, pronomes adjetivos e numerais cardinais e ordinais.

No que tange aos artigos, a pesquisadora afirma que os indefinidos assumem um papel catafórico, pois se remetem a uma informação nova; e os definidos, o papel anafórico, porque faz referência a uma informação já dada no texto.

Koch (2005), em conformidade com Kallmeyer et al. (1974), vai se debruçar ainda sobre os pronomes adjetivos, afirmando que estes assumem a “função-artigo”. Assim, ela os divide em:

1) demonstrativos:

(16) Outro motorista que, sem ter nada a ver, se envolve no acidente morre também. *Nesse caso*, além de responder por homicídio, ainda terá problemas com a consciência (Extraído do texto 2);

Note-se que o pronome demonstrativo *nesse* é empregado para se remeter a situação em que ocorre um acidente, tendo o papel de retomar o referente já mencionado, o que contribui para manter a continuidade temática do texto.

2) possessivos:

(17) Joana vendeu a casa. Depois que *seus* pais morreram num acidente, ela não quis continuar vivendo lá. (KOCH, 2005, p. 37);

No exemplo acima, notamos o emprego do possessivo *seus* que indicaposse, pois faz referência aos pais de *Joana*.

3) indefinidos:

(18) Geralmente, ao dirigir embriagado, o motorista coloca em risco não só a sua vida, mas a vida de famílias que viajam para férias e as famílias que esperam os seus familiares desejam vê-los de volta. *Algumas vezes*, isso não é possível, pois acabam recebendo apenas a notícia de que, aqueles a quem esperavam, já faleceram por causa de um acidente. (Retirado do Texto 2);

A expressão *algumas vezes*, empregada no exemplo, se refere ao que foi dito/escrito antes (remissão anafórica) e tem o papel de acrescentar outras informações ao referente.

4) interrogativos:

(19) Hoje vamos falar sobre animais invertebrados. *Que* animais são esses? (KOCH, 2005, p. 38);

5) pronome adjetivo relativo *cuj*o (relaciona termos de uma oração):

(20) É esta a árvore a *cuj*a sombra os viajantes costumavam descansar. (KOCH, 2005, p. 38).

Os numerais ordinais e cardinais, segundo Koch (2005), também tem a “função-artigo”, porém eles devem acompanhar um nome no sintagma nominal, como explícito no exemplo:

(21) Preciso de alguns alunos para ajudar na pesquisa. *Dois* alunos procederão ao levantamento do corpus e *três* alunos farão uma resenha da literatura pertinente. O *primeiro* aluno que se apresentar como voluntário será o coordenador. (KOCH, 2005, p 38).

No exemplo acima, os numerais dois e primeiro acompanham, respectivamente, os substantivos alunos e aluno, determinando a quantidade, no primeiro caso e, no segundo, destacando e ordenando um dos elementos do conjunto.

Já as formas remissivas gramaticais livres são elementos que fazem referência aos constituintes do texto, através da substituição do nome por pronomes ou ‘proformas’. Elas são introduzidas por:

1) pronomes pessoais de 3ª pessoa, os quais norteiam o leitor ou ouvinte sobre quais elementos referencias empregar para fazer a conexão entre as partes do texto. Quando, por exemplo, esses pronomes são anafóricos, eles sempre devem fazer referência a informações dadas anteriormente no texto.

2) elipse (omissão de palavras ou frases, as quais ficam subentendidas pelo contexto):

3) pronomes substantivos (pronomes com função de substantivos);

4) numerais;

5) advérbios “pronominais”:

(22) Perto do parque há um pequeno restaurante. *Lá* se reúnem muitos jovens ao entardecer (KOCH, 2005, p. 43);

Aqui, o advérbio *lá* representa um advérbio pronominal, visto que foi usado para se remeter ao termo restaurante, termo este dotado de traço semântico [- animado]. Além de fazer referência ao nome restaurante, aponta o objeto no espaço.

6) expressões adverbiais:

(23) É preciso ponderar o *seguinte*: não adianta tentar eliminar os efeitos, sem debelar as causas do mal (KOCH, 2005, p. 47).

A expressão adverbial *seguinte*, do exemplo, o *seguinte* é uma forma referencial dêitica que faz a remissão de uma parte maior do texto, cataforicamente, pois, primeiro antecipa que virão novas ideias adiante, para depois acrescentá-las.

Passa-se, então, para as formas remissivas lexicais, as quaisse referem assumem o papel de indicar referentes extralinguísticos, ou seja, faz referência a elementos exteriores ao texto. As formas remissivas lexicais são introduzidas por:

- 1) expressões ou grupos nominais definidos – conjunto de palavras empregadas para fazer remissão e são introduzidas por artigos definidos ou pronomes demonstrativos, como se pode notar no exemplo:
- 2) nominalizações – formas nominalizadas, através das quais se remete à predicação realizada pelo verbo e argumentos da oração anterior (KOCH, 2005, p. 49-50).
- 3) expressões sinônimas ou quase sinônimas.
- 4) nomes genéricos (coisa, pessoa, etc.).
- 5) hiperônimos ou indicadores de classe.

O capítulo seguinte aponta pesquisas sobre o emprego das estratégias de referenciação em textos produzidas antes deste trabalho, o que serve como uma espécie de ‘estado da arte’ da referenciação.

4 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Este capítulo foi produzido com o intuito de mapear e apresentar estudos sobre as estratégias de referenciação que precederam esta pesquisa. Ele aponta as contribuições no estudo da referenciação de pesquisadores como Santos e Sella (2009), Vagula e Emílio (2009), Maruci (2010), Alves filho (2012), Lima, Castro e Cardoso (2012) e Silva (2012).

4.1 “O PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO NA (RE) CONSTRUÇÃO DO TEXTO E DO SENTIDO”

Em pesquisa que leva o título de *O processo de referenciação na (re) construção do texto e do sentido*, na crônica *A cigarra e a formiga: a nova versão* (Moacyr Scliar),

Santos e Sella (2009), tomando como base teórica os trabalhos de Zamponi (2003), Koch (2004, 2006) e Marcuschi (2005, 2007), investigaram o processo referencial introduzido por anáforas associativas. A trama da narrativa se desenvolve em torno do pedido de ajuda (empréstimo) da cigarra a uma formiga, pois enquanto esta trabalhava a cigarra cantava, até que chegou o inverno e ela se viu sem nada para comer.

Ao analisarem a crônica, Santos e Sella (2009) o fazem pautadas nos referentes centrais do texto que são colocados dentro de quadros a fim de tornar a explicação mais didática. O quadro se divide em Âncora textual e Anáfora associativa. No primeiro quadro analisado, tem-se a âncora *Empréstimo: pedido de ajuda* e no segundo as anáforas a) O Fome Zero, b) Os juros do mercado e c) Uma transação perfeitamente admissível.

De acordo com as estudiosas, as expressões nominais *Os juros do mercado* e *Uma transação perfeitamente admissível* remetem ao termo um empréstimo, uma vez que o conhecimento de mundo do leitor acerca das transações comerciais permite que ele associe as expressões ao ato de realização de um empréstimo. Já a expressão O Fome Zero refere-se, ironicamente, ao programa criado pelo Governo Federal para atender pessoas carentes. Nesse sentido, o autor, ao mencionar o nome do programa, ativa na cabeça do leitor o *frame* ajuda.

No segundo quadro, as autoras evidenciaram o objeto de discurso *Uma financeira: empréstimo de dinheiro a juros*, ao qual estão ancoradas as anáforas associativas *um empréstimo* e a *tendência dos juros*, para mostrar que, na cena, a formiga oferece um empréstimo à cigarra.

Santos e Sella (2009) concluíram que as anáforas associativas permitem a progressão e a construção de sentido do texto, uma vez que depende dos conhecimentos linguísticos, cognitivos, conhecimento de mundo e de caráter interacional envolvido entre os interlocutores.

4.2 “A REFERENCIAÇÃO EM TEXTOS DE ALUNOS DE CURSINHO PRÉ-VESTIBULAR”

Em pesquisa intitulada *A referenciação em textos de alunos de cursinho pré-vestibular*, as professoras Vagula e Emílio (2009), respaldadas em Koch (2002), analisaram como a referenciação, contribuindo para a feitura de um texto coeso e coerente, é construída em textos de alunos de um cursinho pré-vestibular. O *corpus* se constituiu de dois textos narrativos, tematicamente diferentes, cedidos por uma professora de um cursinho pré-vestibular da cidade de Ponta Grossa.

Uma das narrativas chama-se *Acerto de contas*, cujo tema é a infância e aborda o conflito entre mãe e filha, pois aquela oculta a morte de Nick (a gata da filha) e a filha descobre, propondo um acerto de contas. Conforme as autoras é esse conflito o responsável pela construção do referente principal do texto. Elas encontraram como recursos a anáfora indireta, as elipses e a anáfora pronominal, que asseguram a progressão e a remissão textuais e evita a repetição desnecessária.

A outra narrativa intitulada *Consequências de uma decisão*, na qual os alunos tiveram que discorrer sobre o tema *Paisagem vista da minha janela fala sobre uma situação conflituosa entre um casal da cidade de Xangai que teve de fazer um aborto para seguir a tradição de sua terra*. A narrativa traz um narrador-personagem que observa a cena da sua janela, ora narrando a história em primeira pessoa, ora em terceira. Os recursos encontrados pelas autoras responsáveis pela continuidade textual foram a remissão catafórica, a remissão anafórica, as expressões nominais definidas e as elipses.

Vagula e Emílio (2009) afirmam que os alunos demonstraram ter uma certa habilidade no emprego dos recursos de referenciação, posto que eles conseguiram assegurar o sentido do texto e manter a progressão até o fim da produção textual. Segundo as professoras, torna-se indispensável a observância, no processo de produção do texto, dos aspectos sociocognitivos, socioculturais e históricos. Finalizaram, assegurando que os alunos já conseguem ter o domínio “linguístico-discursivo referencial”, através do qual eles percebem que os referentes se constroem interativamente.

4.3“DESVENDANDO O PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO NO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO PRODUZIDO POR ALUNOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA”

Em artigo que leva o nome *Desvendando o processo de referenciação no gênero artigo de opinião produzido por alunos da educação básica*, Maruci (2010) tenta esclarecer, sob a perspectiva sociointeracional da Linguística de Texto, como a referenciação ocorre em dois artigos de opinião, elaborados por alunos da 8ª série de uma escola da rede estadual de ensino. Além desse objetivo, ela tem o intuito de problematizar a questão da construção de objetos de discurso; e oferecer contribuições aos professores no trato com o gênero artigo de opinião.

Metodologicamente, a autora propôs o tema *A escola pública em discussão: a escola que eu tenho e a escola que eu gostaria de ter* para a produção dos artigos. Contudo, ela não deixa claro o período nem o local em que coletou os textos nem dá maiores detalhes sobre os procedimentos usados nessa coleta.

Com os textos em mãos, ela partiu para a investigação dos processos de categorização (introdução/ativação de objetos de discurso) e de recategorização (reativação de objetos de discurso). Na análise, Maruci (2010) percebeu a ocorrência de três mecanismos: as anáforas associativas, as anáforas indiretas e a inserção de um objeto novo em cada texto.

O texto 1, intitulado *A educação e os problemas sociais*, discute sobre os problemas em torno da educação: “desinteresse dos alunos, da falta de cobrança dos pais para com seus filhos, e dos professores que estão transmitindo um ensino de baixa qualidade” e aponta soluções como o incentivo dos alunos pelos pais e sugere o planejamento de aulas mais agradáveis.

Após apresentar o texto, Maruci (2010) faz um quadro, onde mostra que houve a introdução de três objetos no texto: educação (problemas); envolvidos (na educação); e educação (solução). O primeiro objeto se sustenta por meio das anáforas indiretas *desinteresse (dos alunos), falta de cobrança (dos pais), ensino de baixa qualidade*; o segundo, pelas anáforas associativas, introduzidas pelos termos *alunos, pais, mestres, direção da escola*; e o terceiro, pela anáfora indireta, introduzida pelos termos *ação em conjunto, interesse dos envolvidos, professores devem planejar aula interessantes, apoio da direção*. A estudiosa nota que o aluno tem conhecimento sobre o que está falando, mas não utiliza corretamente as anáforas associativas, o que contribui para ele repetir, desnecessariamente, várias palavras no decorrer do texto.

Quanto ao segundo texto, a autora discutiu sobre os problemas encontrados na escola. Para tanto, ele ativou o objeto escola ('coisas' feias), que é retomado por termos como *pátio do mesmo jeito, o jardim precisa ser maior, falta de bebedouros, biblioteca pequena* (anáforas indiretas). Outros dois objetos também ficam em evidência que são cadeiras e carteiras, os quais são recuperados pelo pronome *algumas* (anáfora associativa). Há um último objeto focalizado que é a palavra *escola* recuperada pela anáfora indireta *aquadra começou a ser reformada*. Neste texto, Maruci (2010) vai assumir que o produtor do texto também não utiliza de forma eficaz os mecanismos de referenciação, se apropriando bem apenas das anáforas indiretas.

4.4 “A REFERENCIAÇÃO NOS TEXTOS DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO”

Observando as aulas de redação de um professor de português, Alves Filho (2012) empreendeu uma pesquisa na qual analisou os recursos de referenciação em textos de alunos. A pesquisa que se intitula *A referenciação nos textos de alunos do Ensino Médio* tomou como *corpus* os textos dissertativo-argumentativos produzidos por sessenta alunos do 3º ano do Ensino Médio de uma escola da rede privada, localizada em Jataí, município de Goiás.

Dos sessenta textos produzidos, o autor escolheu apenas dez, tomando como critério a avaliação do professor nos quesitos coesão e coerência. Assim, os dez textos que possuísem as melhores notas formaram o *corpus* de análise do trabalho. Com o tema *A formação de autodidatas: uma nova meta para a educação contemporânea?* esperava-se que os alunos apresentassem, em seus textos, argumentos fortes e claros a fim de defender com propriedade a sua opinião.

Por meio de um processo de catalogação, Alves Filho (2012) buscou rastrear todos os tipos de anáfora existentes nos 10 textos, objetivando analisar quantitativa e qualitativamente cada um dos casos. Nessa busca, ele encontrou 48 ocorrências do emprego anafórico, às quais se dividiram, conforme suas características, em: 1) anáfora pronominal (35%); 2) anáfora fiel (13%); 3) anáfora infiel (28%); 4) anáfora por nomeação (13%); 5) anáfora por elipse (9%); e 6) anáfora associativa (2%).

Os resultados encontrados pelo pesquisador mostram que os vários tipos de anáfora atuam no sentido de evitar a repetição desnecessária de palavras; na retomada

de um elemento mencionado anteriormente no texto; como forte recurso argumentativo e discursivo, de reiteração, de organização estrutural do texto e de concisão.

Alves Filho (2012) conclui afirmando que os professores de Língua Portuguesa precisam tratar os textos como produções dinâmicas, em que os alunos se apropriam de aspectos linguísticos, cognitivos, sociais e que isso deve ser considerado no estudo desses textos. Com isso, ele espera que a referenciação seja trabalhada com mais interesse pelos professores.

4.5“UM OLHAR SOBRE A LINGUAGEM:O PROCESSO DA REFERENCIAÇÃO COMO ESTRATÉGIA PARA A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS DO TEXTO”

No trabalho que se intitula *Um olhar sobre a linguagem:o processo da referenciação como estratégia para a construção dos sentidos do texto*, Lima, Castro e Cardoso (2012), sistematizam e mostram os resultados parciais do projeto “Texto e ensino: um domínio multidisciplinar”, realizado entre 2011 e 2012 com alunos do 5º ano do ensino fundamental da rede pública estadual.

Assumindo uma concepção de texto como o “lugar de interação entre sujeitos sociais e de construção interacional de sentidos” (KOCH, 2003 apud LIMA, CASTRO, CARDOSO, 2012, p. 02), por meio do referido projeto, os autores pretenderam mostrar aos alunos que, no processo de leitura e escrita, a interpretação e a construção dos sentidos do texto são influenciados pelos mecanismos de referenciação. Para tanto, resolveram explorar os referentes, os quais de acordo com os próprios autores, são realizados pelas expressões referenciais (expressões nominais e anáforas correferenciais), no texto em análise.

Embora a metodologia da pesquisa não tenha sido bem detalhada, a pesquisa, na qual foi analisado um texto, demonstrou que o uso de expressões nominais contribuiu na argumentação, organização das informações e na introdução de novas informações. Os estudiosos atribuem às anáforas correferenciais a construção e reconstrução do sentido do texto, além da interação com elementos culturais, cognitivos e sociais.

4.6 “ESTRATÉGIAS DE REFERENCIAÇÃO EM TEXTOS DA OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA: ESCREVENDO O FUTURO”

Em trabalho intitulado *Estratégias de referenciação em textos da Olimpíada de Língua Portuguesa: escrevendo o futuro*, Silva (2012) faz um estudo, no qual objetiva analisar como se dá a referenciação em textos classificados no ano de 2010, na Olimpíada da Língua Portuguesa. O *corpus* da pesquisa foram 07 (sete) artigos de opinião produzidos por alunos do Ensino Médio de uma escola da rede pública do Estado do Amapá.

A pesquisadora afirma que o seu trabalho nasce no âmbito da linha de pesquisa, da qual ela faz parte, *Leitura, Escrita e Ensino de Língua Portuguesa* do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da Universidade Pontifícia Católica de São Paulo (PUC/SP). Trabalhando na perspectiva da Linguística de Texto, Silva (2012) concebe a referenciação tal qual Mondada e Dubois (2003) para as quais se trata a referenciação é uma “atividade discursiva”. Ela também concorda com a concepção de Koch e Marcuschi (1998), que afirmam que a referenciação é “um processo realizado negociadamente no discurso e que resulta na construção de referentes” (KOCH e MARCUSCHI, 1998, p. 73 *apud* SILVA, 2012, p. 10).

Silva (2012) estrutura a sua dissertação em três capítulos. No primeiro capítulo, ela contextualiza a Olimpíada, em uma subseção e, em outra, detalha o corpus da pesquisa e transcreve os textos que analisou. No segundo, ela faz uma abordagem teórica sobre a referenciação em textos. E no terceiro, mostra os resultados das análises dos textos coletados.

Conforme a autora, a Olimpíada é um programa instituído e financiado pelo Governo Federal, em conjunto com o Itaú Social, a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME), Conselho Nacional de Secretários de Educação e o Canal Futura, implantado no ano de 2002, cujo objetivo é “aprimorar as capacidades de oralidade, leitura e escrita dos alunos da educação básica das escolas públicas brasileiras, pressupondo a realização de um concurso que estimula o exercício do uso da língua em práticas sociais”. (SILVA, 2012, p. 13). O referido concurso é realizado bianualmente e os participantes devem se adequar à temática proposta. O tema da edição de 2010 foi *O lugar onde vivo* tema este que motivou a produção dos textos que a autora analisou.

A metodologia da pesquisa pautou-se na análise da ativação e reativação de referentes nos textos, na qual Silva (2012) buscou rastrear somente os “referentes que assumem papel principal no desenvolvimento do texto, quer porque possibilitam a construção de cadeias referenciais, quer porque servem de âncora para a introdução de outros referentes”. (SILVA, 2012, p. 46).

De maneira geral, Silva (2012) observou que, nos textos em análise os mecanismos que predominam são as expressões nominais definidas e indefinidas, a repetição, a pronominalização e a elipse. A pesquisa apontou para o apropriado emprego da ativação e reativação de referentes pelos alunos amapaenses, em seus textos, obedecendo, assim, às exigências do concurso ligadas ao tema solicitado.

5 METODOLOGIA

Esta pesquisa ocupa-se do estudo das estratégias de referenciação em redações escolares. Compõe o *corpus* dessa pesquisa, uma amostra de oito (08) textos produzidos por alunos do 3º ano entre agosto e setembro de 2014, em oficinas de leitura e produção de texto no Centro Territorial de Educação Profissional do Vale do Jiquiriçá, localizado no município de Amargosa-BA. Este capítulo procura situar o leitor em relação aos procedimentos metodológicos da pesquisa.

5.1 A UNIDADE ESCOLAR

Conforme pesquisas realizadas pelos integrantes do PIBID do curso de Química da UFRB, a construção do Centro Territorial de Educação Profissional (CETEP) do Vale do Jiquiriçá data do ano de 1989 e está localizado na zona rural do município de Amargosa, no Km 02 da Rodovia Estadual que liga os municípios de Amargosa e Milagres. O centro educacional foi inaugurado em 16 de janeiro 1991 com a denominação de Escola Agro técnica Estadual Democrática José Pires. Abaixo, estão descritas informações a respeito dos cursos e do espaço físico da instituição.

O CETEP conta com os cursos técnicos de nível médio em Agroindústria, Agropecuária, Zootecnia, Análises Clínicas, Enfermagem, Artes Dramáticas e Gerência em Saúde, nas seguintes categorias:

EPI – Educação Profissional Integrada (para quem já concluiu a 8ª série e está ingressando no Ensino Médio)

PROEJA – Educação Profissional Para Jovens e Adultos (para quem já concluiu o Ensino Fundamental e está ingressando no Ensino Médio)

PROSUB – Educação Profissional Subsequente (para quem já concluiu o Ensino Médio).

Em relação à infraestrutura, o CETEP dispõe de estacionamento, capela, sala da direção (com 2 banheiros), sala da vice – direção, secretaria, sala de professores (com 2 banheiros), biblioteca, sala de projeção, sete salas de aula, banheiros no pavilhão de aulas, sala de informática, laboratório diagnose, auditório, refeitório, área de lazer equipada, dormitórios (feminino e masculino), viveiro de mudas, quadra poliesportiva, terreiro de secagem de café, beneficiamento de café e castanha, garagem de máquinas agrícolas, aviário, coelheiro, sala ordenha e curral.

5.2 ACOLETA DO *CORPUS*

A coleta dos textos foi realizada no âmbito das atividades do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). O PIBID é um programa cujo

objetivo principal é fomentar as atividades de iniciação à docência, visando à melhoria da qualidade dos cursos de licenciatura das instituições de ensino superior e foi instituído pelo Ministério da Educação (MEC) no âmbito da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Em outras palavras, o Programa tem como finalidade valorizar os cursos de Licenciatura dentro da estrutura universitária. Com isso, ele promove ações que busquem o aumento do tempo de convivência dos graduandos no futuro ambiente de trabalho, permitindo-lhes um maior envolvimento com o cotidiano das atividades didático-pedagógicas.

O autor deste trabalho atualmente está inserido no Subprojeto de Letras – Língua Portuguesa do PIBID, coordenado pelos professores Gredson dos Santos e Adielson Ramos de Cristo. Suas atividades se constituem de: 1) Fóruns de planejamento e avaliação; 2) Ações nas escolas; 3) Vídeo-documentário; 4) Diagnóstico do ambiente escolar; 5) Sistematização, análise e socialização dos dados coligidos; 6) Reuniões de formação; 7) Exposição dos trabalhos; e 7) Produção, socialização e publicação de trabalhos científicos. O Subprojeto de Letras foi proposto e aprovado pela CAPES em 2013 e se desenvolve em quatro escolas do município de Amargosa. Envolve, além dos dois coordenadores, trinta e três (33) alunos-bolsistas do curso de licenciatura em Letras/Libras/Língua Estrangeira e quatro (04) professores da educação básica do município que atuam com o objetivo de desenvolver uma proposta pedagógica para o ensino da leitura e da escrita enquanto formas de empoderamento do sujeito.

Dentro das atividades propostas para o ano de 2014 Subprojeto de Letras – Língua Portuguesa, inseriu-se o trabalho com a sequência didática que, de acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 82), trata-se de “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Uma vez que este projeto dá-nos acesso ao ambiente escolar e que a perspectiva adotada pela sequência didática proporciona o trabalho com textos (orais ou escritos), foi nesse contexto que coletamos os textos para a análise.

A sequência didática é um processo que visa, através de projetos, resolver algum problema de comunicação. Ela é constituída por várias etapas: *apresentação da situação, primeira produção, módulos e produção final*, porém só utilizaremos as duas primeiras. Por meio da *apresentação da situação* orientamos tanto sobre qual problema comunicativo será trabalhado como o que os alunos precisam fazer para sanar as suas

dificuldades textuais. Em outras palavras, nessa etapa explicitamos todas as fases da produção, seus objetivos e possíveis caminhos para que os estudantes produzam seus textos. Por isso, fizemos uma aula, objetivando explicar como se compõe uma redação escolar, ou seja, trabalhamos no sentido de ampliar o conhecimento dos alunos acerca da estrutura do texto dissertativo-argumentativo.

Foi tomada como *corpus* para análise a *primeira produção* textual dos alunos. É importante ressaltar que optamos pela análise dessas primeiras produções, pois o objetivo desta pesquisa é investigar ocorrências de estratégias de referenciação nos textos e sua produção de sentido.

Nas oficinas ministradas pelos alunos bolsistas do subprojeto de Língua Portuguesa, foram propostas atividades de orientação para leituras e produção de textos, a fim de contribuir para o desenvolvimento das habilidades e competências linguísticas dos estudantes. As mesmas tiveram como objetivos orientar produções textuais do tipo dissertativo-argumentativo, propondo práticas colaborativas de leitura, debates e análises de diversos textos. Para tanto, foram utilizados os seguintes procedimentos metodológicos: apresentação e discussão de temas cobrados nas provas do ENEM e produção de textos do tipo dissertativo-argumentativo.

Coletados todos os textos, selecionamos oito (08) a partir dos seguintes critérios: adequar-se ao tipo dissertativo-argumentativo e apresentar coesão e coerência. Com isso, os textos, independentemente da extensão, que foram objeto de análise desta pesquisa deveriam abordar o tema com clareza, obedecer aos aspectos estruturais do gênero e apresentar coesão e coerência. No capítulo seguinte, veremos como as estratégias de referenciação aparecem nos textos.

6 ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE REFERENCIAÇÃO

O presente capítulo presta-se à análise de mecanismos de referenciação responsáveis pela ativação e reativação de referentes nas redações escolares dos alunos. Por questões didáticas, optamos por transcrever os textos integralmente e com pequenas correções ortográficas para facilitar a compreensão e o desenvolvimento do trabalho. Quanto aos temas, os textos apresentam temas variados. Os quatro primeiros problematizam a questão dos acidentes e mortes causados no trânsito brasileiro em

decorrência do consumo de bebidas alcoólicas ingeridas pelos condutores antes de ‘pegarem a estrada’. O texto 5 abre uma discussão sobre a violência contra a mulher. O texto 6 aborda o analfabetismo funcional. E o 7 e o 8 problematizam sobre as vantagens e desvantagens advindas do uso das novas tecnologias, em especial, as redes sociais.

6.1 TEXTO 1

(L1) Devido à falta de conscientização das pessoas que dirigem embriagadas, ocorre alto de índice de acidentes em transito. Com isso, foi implantada a lei seca.

As pesquisas comprovaram que 30% dos acidentes de trânsito ocorrem por causa do álcool e, com isso, acarretam vários fatores como afeta a saúde do indivíduo, trazendo (L5) o rebaixamento do nível de consciência e da coordenação motora. Diante disso, as pessoas perdem o controle do carro e acabam acarretando acidentes no trânsito ocorrendo vítimas e feridos e mortes, assim causando superlotação nos hospitais públicos que não têm estrutura para receber a demanda de pacientes oferecida e, com isso, não vão ter um bom atendimento. Portanto, foi implantada a lei seca que a dirigir (L10) não pode ingerir bebidas alcoólicas. Se o indivíduo não obedecer, pode ser punido e multado e levar seu carro preso. Com essa lei, se obteve reações positivas como diminuição de acidentes e vítimas feridas.

Contudo, o governo deveria ampliar mais a lei seca, proibir a venda de bebidas alcoólicas, fazer campanhas publicitárias de conscientização e assim obtendo melhores (L15) resultados possíveis.

Esta primeira redação problematiza os danos provocados no trânsito brasileiro, por conta do consumo exagerado de bebidas alcoólicas, bem como a medida de prevenção criada pelo Governo Federal – a Lei Seca. Ao final, o autor reconhece a importância dessa lei, mas acaba propondo mais sugestões para amenizar as consequências da imprudência provocada por motoristas que ingerem bebidas alcoólicas, como a proibição da venda de bebidas alcoólicas e a criação de campanhas publicitárias de conscientização dos motoristas.

A argumentação do texto se desenvolve em torno de dois referentes centrais: *alto índice de acidentes de trânsito* e *a lei seca*, que são mantidos através das expressões nominais definidas (introduzido pelas descrições definidas) e da repetição. Para maior clareza, primeiro, será feita a análise do primeiro referente e, depois, do segundo.

Referente1: Alto índice de acidentes de trânsito

Logo de início, em (L2), a descrição *definida* *comisso* faz uma remissão anafórica, recuperando o referente *alto índice de acidentes de trânsito* e, ao mesmo tempo, servindo de eixo para introduzir o referente textual *Lei seca*.

Já em *30% dos acidentes de trânsito* (L4) e em *acidentes no trânsito* (L8), ocorrem a repetição parcial do referente, processo que, de acordo com Antunes (2005), tem a função de enfatizar palavras ou expressões no texto, atualizando a informação na memória discursiva do leitor, possibilitando-lhe, assim, ficar ciente a que referente o elemento está se remetendo.

Referente2: A Lei Seca

Este referente também é mantido em evidência através da estratégia de repetição, em (L11) e (L14). Ocorre ainda o mecanismo da expressão nominal definida, que é introduzida pelo pronome demonstrativo *essa*, na frase *com essa lei*. Isso, além de demonstrar que essa expressão está se remetendo a algo conhecido, no texto, garante a progressão referencial do texto, encadeando bem suas partes.

Conforme discutido em Silva Filho e Rodrigues (2011), as expressões nominais definidas são importantes elementos de progressão textual, o que contribuem para o desenvolvimento estrutural e argumentativo do texto.

Por outro lado, Koch e Elias (2008) apontam a repetição como um recurso retórico, que é fundamental para a organização estrutural e discursiva do texto, ganhando importância na coesão do mesmo.

6.2 TEXTO 2

(L1) A implantação da Lei Seca no Brasil tem por objetivo central reduzir o índice de acidentes nas estradas, que segundo a ABRAMET (Associação Brasileira de Medicina de Tráfego) 30% desses acidentes são causados pelo uso de bebidas alcoólicas pelo condutor do veículo.

(L5) Geralmente, ao dirigir embriagado, o motorista coloca em risco não só sua vida, mas a vida de famílias que viajam para férias e as famílias que esperam os seus familiares que viajam desejam vê-los de volta. Algumas vezes, isso não é possível, pois acabam recebendo apenas a notícia que, aqueles quem esperavam, já faleceram por causa de um acidente.

(L10) Outra coisa curiosa que acontece é que, em algumas vezes, o condutor embriagado não morre, mas quem está no carro com ele morre. Outro motorista que, sem ter nada a ver, se envolve no acidente, morre também. Nesse caso, além de responder por homicídio, ainda terá problemas com a consciência. A superlotação dos hospitais também entra como consequência de dirigir (15) embriagado, o que pode ser evitado, caso os condutores de veículos decidam ou dirigir ou beber.

Portanto, para que haja tal conscientização, é necessário mais rigor na lei seca e, também, mais publicidades para a redução do número de feridos e mortos por causa de acidentes nas estradas.

Este texto discute a temática dos acidentes nas estradas, mas enfocando mais a imprudência dos motoristas que dirigem bêbados. Ele problematiza, também, a Lei Seca e oferece sugestões de como conscientizar os condutores para que eles não ingiram bebidas alcoólicas ao dirigir.

Em seu projeto discursivo, o autor se utiliza de dois referentes principais: *a implantação da Lei Seca no Brasil* e *o índice de acidentes nas estradas*, os quais terão suas estratégias de referência detalhadas abaixo.

Referente 1: A implantação da Lei seca no Brasil

Este referente é introduzido já na primeira linha e a estratégia de referenciação empregada para a sua reativação foi a repetição parcial *lei seca* (L17), que teve o importante papel de lembrar ao leitor sobre a temática abordada no texto.

Referente 2: O índice de acidentes nas estradas

Este referente se mantém ativado através de descrições definidas e da repetição. A primeira estratégia citada é denotada pela frase *30% desses acidentes* (L2). O demonstrativo *desses* apresenta um elemento já conhecido (anáfora) e o aluno o emprega junto com a percentagem 30% com o propósito de comprovar, estatisticamente, o alto índice de acidentes que acontecem por causa da imprudência dos motoristas.

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1999 apud Ciulla 2008, p. 121) apontam uma série de funções para o demonstrativo, as quais estão divididas em dois grupos: 1) evitar repetição; evitar uma interpretação inadequada; evitar uma interpretação genérica; evitar uma expressão embaraçosa; 2) fornecer uma simulação da realidade; capturar os argumentos no processo enquanto se refere a este processo; assinalar uma referência problemática; assinalar um convite para iniciar uma sequência no decorrer de uma interação conversacional.

Quanto à repetição dos mesmos itens lexicais, nota-se a ocorrência tanto da repetição parcial, como em *acidente* (L12), quanto da repetição total, como em *acidentes nas estradas* (L19).

Além dos aspectos abordados acima, prestemos atenção ao emprego da expressão *outra coisa curiosa* (L10). Com base em Koch (2003), podemos afirmar que, ao empregar essa expressão, o autor foi bem sucedido, pois, assim, ele introduz uma informação nova no texto.

6.3 TEXTO 3

(L1) Muitas pessoas hoje morrem no trânsito brasileiro por causa das variadas bebidas alcoólicas ingeridas antes de viajar.

Os motoristas autoconfiantes pensam que nunca vai acontecer nenhum acidente com eles e muitos antes de viajar ingerem altas doses de bebidas alcoólicas e perdem o(L5) controle de seus carros, provocando acidentes inesperados colocando em risco a vida de crianças, jovens, adultos e velhos.

Por isso, foi implantada a Lei Seca com o objetivo de diminuir os acidentes e reprimir os motoristas que possuem o costume de beber antes de viajar.

A Lei Seca já vem colhendo bons resultados, mas ainda precisa diminuir vários (10) índices de acidentes que ocorrem no trânsito brasileiro.

Portanto, esta Lei necessita quebrar muitas barreiras e o Governo Federal precisa implantar projetos para que a Lei Seca seja mais rigorosa. Proibindo a venda de bebidas alcoólicas em rodovias, instalando mais postos policiais nas estradas, para que essas não venham mudar o destino de muitas pessoas.

O texto 3 aborda a problemática questão que é a morte e os acidentes nas estradas brasileiras causados pelo consumo de bebidas alcoólicas. O autor mostra que a Lei Seca tenta impedir os problemas no trânsito, o que para ele tem colhido bons resultados, porém ele afirma que, para ter melhores resultados, o Governo deve aumentar o rigor da lei: proibir a venda de bebidas alcoólicas nas rodovias e implantar mais postos policiais nas estradas. Do ponto de vista da referência, o texto apresenta dois referentes: *muitas pessoas hoje morrem no trânsito brasileiro e Lei Seca*.

Referente 1: Muitas pessoas hoje morrem no trânsito brasileiro

Este referente já aparece na primeira linha do texto e configura-se como um caso de introdução referencial que, segundo Ciulla (2008), se trata de um recurso responsável pela introdução de um novo referente no texto sem que haja a ativação de outra fonte que não o conhecimento enciclopédico para que se obtenha sentido.

A expressão *muitas pessoas* do final do texto faz uma remissão anafórica, pois a informação já foi dada, é conhecida, portanto. Retomando o que foi apontado por Silva

Filho (2012), reforçamos que a anáfora é empregada para evitar a repetição desnecessária de palavras; atua na retomada de um elemento mencionado previamente no texto e como forte recurso argumentativo e discursivo. Assim, a intenção do estudante foi reforçar a sua opinião a respeito das vítimas nas estradas brasileiras.

Outro mecanismo encontrado no texto foi a repetição total, como é o caso da expressão *altas doses de bebidas alcoólicas* (linha 4) acompanhada de uma avaliação do autor acerca da quantidade de álcool ingerida, denotada pelo SN *altas doses* e da repetição do mesmo item lexical, na linha 14.

Referente 2: Lei Seca

Introduzida a partir da sétima linha, este referente se sustenta através do mecanismo da repetição (linhas 10 e 13). O referente sustenta-se ainda por meio da expressão nominal definida *esta Lei* (L12) para manter o referente ativo na memória do leitor na conclusão de seu texto. Isso se trata de uma retomada anafórica. Uma vez que a informação já foi dada no texto, o estudante poderia ter empregado o demonstrativo *esse* e não *este*.

Uma última observação diz respeito à expressão *por isso* (linha 7). Esta assume um importante papel na medida em que aponta a causa dos acidentes e mortes no trânsito, as vítimas e os causadores dos desastres, fazendo, assim, um encapsulamento (resumo) das informações acima para introduzir o referente *A Lei Seca*.

(L1) O Brasil é o país que tem o maior número de acidentes com veículos, grande parte desses é devido ao uso de bebidas no trânsito. Com plano de diminuir esta taxa de acidentes, foi criada a Lei Seca, na tentativa de conscientizar as pessoas de tal risco.

30% dos acidentes causados no Brasil é devido ao álcool, são diversas pessoas (L5) prejudicadas devido à imprudência de irresponsáveis, vidas ceifadas, famílias destruídas. Sendo assim, a Lei Seca tem como função punir de forma justa os imprudentes no trânsito.

A Lei Seca proíbe o consumo de bebida alcoólica por condutores de veículos. Buscando reduzir os índices de violência no trânsito, dessa forma, punindo aqueles (L10) que não se conscientizam do mal que podem causar a inocentes com a utilização dessas bebidas.

De tal forma, é preciso que a população se conscientize de fato e que compreenda a necessidade de mudança e de justiça.

O presente texto discorre acerca dos acidentes e violência que acontecem nas estradas brasileiras por conta do consumo de bebidas alcoólicas. Este é outro texto que aponta a Lei Seca como importante para reduzir os altos índices de acidentes e mortes ocorridos. Na conclusão, o autor propõe que a população se conscientize e mude de postura em relação ao problema. Esta redação apresenta dois referentes centrais: *alto índice de acidentes com veículos no Brasil*.

Referente 1: Alto índice de acidentes com veículos no Brasil

O referente aparece nas duas primeiras linhas e sua manutenção se dá por meio de expressões nominais definidas. No primeiro parágrafo, as expressões nominais definidas são introduzidas pelos pronomes *desses* (L2) e *esta*, na frase: *esta taxa de acidentes* (L2-3). Contudo, uma pequena observação sobre o pronome *esta* deve ser feita aqui. O referido pronome é empregado para fazer remissão catafórica, mas, no exemplo, está fazendo uma remissão anafórica. Portanto, o pronome a ser empregado deveria ser *essa* e não *esta*.

Na primeira linha do segundo parágrafo, também aparecem expressões nominais definidas, onde se lê: *30% dos acidentes*. Aqui já acompanhado de dados estatísticos

para o autor melhor comprovar e defender seu ponto de vista. Outra ocorrência das expressões nominais definidas está presente na frase *o mal que podem causar a inocentes* (L11) e na expressão *tal risco* (L3-4). Como se pode perceber, o pronome *tal* indica que se trata de informação já dada no texto, mantendo o referente ativo na memória do leitor.

6.5 TEXTO 5

(L1) Os índices de violência física e verbal contra mulheres no Brasil diminuíram um pouco, pois as leis precisam ser mais rigorosas.

Em 2006, o presidente Lula colocou em vigor a lei Maria da Penha, com o objetivo de: frear os agressores, diminuir os índices, valorizar mais as mulheres e colocar em (L5) declínio todos os tipos de discriminação e agressão às mesmas.

Mas esta lei não está trazendo os resultados esperados, pois segundo as pesquisas realizadas pela Fundação Perseu Abramo (FPA), ocorre mais de dois milhões de casos de violência doméstica e familiar por ano.

Vivemos em um país, no qual os agressores têm vantagem quando se (L10) tratam de severas punições, porque estamos acostumados a ver casos em que um homem agride uma mulher e vai preso, mas, com uma semana ou menos, ele está nas ruas para reincidir o ato.

Portanto, precisamos de um país igualitário, justo, severo para com os agressores; necessitamos de leis e punições mais rígidas, para que as mulheres venham a ser, por (L15) estes delinquentes, respeitadas e valorizadas.

O texto 5 aborda a temática da violência contra a mulher no Brasil e põe em xeque as leis do país, questionando a sua flexibilidade para com os agressores. Esse texto se desenvolve em torno do referente *violência contra mulheres no Brasil e a Lei Maria da Penha*.

Referente 1: Violência contra mulheres no Brasil

Com relação a esse referente, percebe-se a ocorrência do hipônimo no trecho *discriminação e agressão às mesmas* (L 5), pois discriminação e agressão são atos de violência. O hipônimo, de acordo com Ciulla (2008), é um recurso usado para introduzir novas informações ao texto.

No texto em questão, nota-se, também, a repetição parcial do referente citado acima, na linha 8, onde se lê *violência doméstica e familiar*, só que o autor faz questão de enfatizar que não se trata de qualquer tipo violência, mas de violência doméstica.

Referente 2: A Lei Maria da Penha

Aqui, tem-se basicamente o recurso da repetição parcial. Na segunda linha, o autor já anuncia, cataforicamente, qual o objeto da sua crítica, quando assinala que *as leis precisam ser mais rigorosas*. No segundo parágrafo, o seu discurso vai enfatizar os objetivos da lei Maria da Penha, para, a partir do terceiro, problematizar a sua falta de rigor. Para o autor, as leis brasileiras devem vir acompanhadas de severas punições para com os agressores, pois, para ele, as leis precisam ser mais rígidas.

Na segunda linha, o autor empregou a conjunção *pois* sem muito sucesso, se levarmos em consideração que o seu propósito era o de estabelecer uma oposição. O conectivo que se adequaria na frase em questão seria a conjunção *mas*.

6.6 TEXTO 6

(L1) Estamos no século XXI e com ele tem surgido as tecnologias digitais como a internet que nem toda a geração consegue alcançar, os perigos e os riscos que acontecem na internet e os bons motivos que ela tem.

Com o surgimento da internet, muitas crianças que nasceram nessa geração (L5) entendem e compreendem com muita facilidade como é fazer parte e uso desses meios. Contudo, há um perigo que é nossa foto na internet e com isso podemos ser até assassinados, que é muito ruim quando vivemos em rede de tecnologia como essa. Perigo para quem sabe e perigo para quem não sabe como lidar com tamanha tecnologia como essa.

(L10) Para fazer o uso desses meios, é preciso estar ciente dos riscos que corremos na rede (internet) que poderão ser expostas coisas que não se deve. Pessoas como Hackers poderão invadir sua conta e expor sua vida a público, o que poderá trazer grandes transtornos. Porquanto, há pessoas que não se preocupam tanto em ter sua vida pessoal exposta e por outro lado têm pessoas que preferem não se expor tanto quanto outras, (L15) também a internet é muito importante para nossa vida, como, por exemplo, se comunicar com nossos familiares que estão em outra cidade; ela não é só ruim, mas tem seu lado bom para quem sabe usar.

Assim, se alguém quer abrir uma conta seja no Facebook, Twitter, Instagram corre risco e é preciso se informar antes para não expor a sua vida pessoal, correndo perigo de ser (L20) assassinado. Quando são bem usados esses tipos de tecnologias como a internet são úteis e tornam a vida prática, mas quando não podem causar danos, nem para fazer coisas erradas, mas sim para fazer coisas corretamente.

Este texto discute as vantagens e desvantagens de se acessar as redes sociais. O autor revela que há pessoas que se expõem demais, detalhando informações pessoais e publicando fotos, o que para ele representa alto risco para o usuário da internet. Ele afirma, porém, que as redes sociais são um importante meio de comunicação mas que, ao utilizá-las, o internauta deve ter cautela e não se expor tanto nos meios virtuais.

O texto se ancora no referente central *internet*, referentes estes reativados através da repetição, de expressões definidas, sinônimos, hipônimos, substituição pronominal, elipse e remissão catafórica. Abaixo, serão melhor detalhadas cada uma das estratégias utilizadas pelo autor do texto.

Referente 1: Internet

Este referente é ativado na segunda linha e se repete nas linhas 3, 4, 6, 11, 15 e 21. Em alguns momentos, contudo, esses usos são desnecessários, como na linha 3. Onde se lê *os perigos e os riscos da internet*, ao invés da repetição, poderia ser empregado o termo *nela*. Desnecessária também é a repetição do referente textual na linha 11, onde o aluno escreve *é preciso estar ciente dos riscos que corremos na rede (internet)*. O enunciado já deixa claro que a *rede* se trata da própria internet, pois o aluno já vinha frisando isso nos parágrafos anteriores.

Em relação às expressões nominais definidas, já se pode notar a sua primeira ocorrência nas linhas 5-6 e 10, no trecho *uso desses meios*, em que o demonstrativo deixa transparecer que o referente já se faz conhecido pelo leitor; aparece outra expressão nominal definida na linha 21, onde se lê *esses tipos de tecnologia*.

Como sinônimos da palavra internet, encontramos as palavras e expressões, *rede de tecnologia* (L 7), *rede* (L 11). Nas linhas 1 e 9, percebe-se ocorrência de hiperônimos por meio da expressão *tecnologias digitais* (L 1) e da palavra *tecnologia* (L 9). Em alguns momentos, o referente internet é substituído pelo pronome ela (linhas 3 e 17) e pela elipse como acontece nas linhas 13 e 14 *há pessoas que não se preocupam tanto em ter sua vida pessoal exposta* (na internet).

Se observarmos com atenção ao enunciado *os perigos e os riscos que acontecem na internet*, perceberemos que trata-se de uma remissão catafórica, pois primeiro o autor anuncia que a internet, se usada de qualquer jeito, apresenta perigos e riscos para, no decorrer do texto, apontar que tipos de perigos o usuário corre. Alguns dos riscos elencados pelo autor foram o de ser assassinado e invasão de hackers à conta do usuário, se apropriando de sua informação para agir de má-fé.

6.7 TEXTO 7

(L1) O analfabetismo funcional é também um problema para toda a população a partir do momento em que interfere nos índices de educação do país, no mercado de trabalho e no futuro da nação.

É considerado analfabeto funcional aquele que sabe ler, mas não consegue (L5) assimilar as informações básicas dele, ou aquele que não consegue resolver um simples cálculo no dia-a-dia.

Grande parte da culpa pelo alto índice de analfabetos funcionais é devida à falta de especialização na educação pública.

O governo exige que uma criança já esteja na escola com 5 anos; o ideal é (L10) que esteja “alfabetizada”, porém ela termina o ensino médio sem sequer saber ler um texto nitidamente. Mais tarde, estará em uma universidade e não terá formação adequada para se profissionalizar.

Muitas dessas pessoas inesperadamente estão nas cidades grandes, por falta de oportunidade no interior e por não ter a “educação de qualidade”, vão em busca de um (L15) futuro melhor nas Metrôpoles.

Com tudo isso, é preciso a dedicação de ambas as partes para que o Brasil se torne um país com cidadãos alfabetizados e desenvolvidos.

No texto acima, o autor abre uma discussão sobre as causas e consequências do analfabetismo funcional no Brasil e, ao final, sugere que todos devem se mobilizar para pôr fim nesse problema. Todo o texto se desenvolve em torno do referente central – analfabetismo funcional –, que permanece ativo, através dos recursos elipse, hiperonímia, repetição, expressões nominais definidas e anáfora pronominal.

Na linha 2, o aluno-autor já introduz uma elipse, o que se subentende que ele se refere ao referente analfabetismo funcional, por conta da frase *interfere nos índices de educação do país, no mercado de trabalho e no futuro da nação*. Esse recurso permite que o parágrafo não fique muito repetitivo, contribuindo para a concisão geral do texto.

O mecanismo da hiperonímia ocorre na quarta linha, quando o aluno insere, no texto, os termos *analfabeto funcional*, termos que representam parte de algo maior que é o analfabetismo funcional. Há ainda a repetição desses termos, que ele emprega, na linha 7, para justificar a existência do analfabetismo funcional. A repetição é empregada com o propósito de contribuir na ativação do referente na memória do leitor.

Ainda se referindo aos termos analfabetos funcionais, o autor insere as expressões nominais definidas *muitas dessas pessoas* (L13). O último parágrafo, ele inicia a expressão anafórica *com tudo isso*. Assim, ele reforça seu discurso, retomando tudo o que disse antes (encapsulamento) e pode finalizar seu texto apontando uma possibilidade de amenizar o analfabetismo funcional no país.

6.8 TEXTO 8

(L1) A tecnologia é algo que vem inovando e contagiando a todos os gostos e idades, sobretudo no ramo das redes sociais, mas tem a questão: será que o publicado nas redes sociais faz com que eu me torne alguma vítima dos meus próprios caprichos?

Sabemos que a moda agora é o Facebook onde pessoas com atitudes inocentes (L5) publicam aonde vão, com quem vão ou, até mesmo, a blusa nova que compraram, atitudes mínimas como estas que podem as vezes lhe custar muito caro.

Entretanto, devemos o tempo todo estabelecer o controle sobre o que devemos compartilhar como público e o que devo resguardar. A rede antes de tudo é uma maneira de aproximar as pessoas e não uma ferramenta para especular ou despertar cobiça. É (L10) necessário reaver o jeito como se utiliza as redes no século XXI.

Portanto, antes de nos revelarmos nas redes, vamos pensar sobre as possíveis (15) complicações que podem ocorrer tanto na nossa integridade física como mental, afinal não se sabe quem está por trás de cada perfil, estabelecer o público e o privado é só uma questão de resguardar-se. E manter a integridade.

O texto acima aborda a questão da exposição dos usuários de Internet que, acessando as redes sociais, disponibilizam informações da vida pessoal e colocam em

jogo sua própria segurança. Como solução, o autor do texto pede que os internautas pensem nas consequências de seus atos, a fim de resguardarem-se de indivíduos mal-intencionados.

Referente: Redes sociais

O referente acima é reativado por meio da repetição do mesmo item lexical, na terceira linha, e das expressões definidas *a rede* (L 8), *as redes* (L 10) e *nas redes* (L 11), que tem o papel de manter as informações dadas (velhas) ativadas, o que favorece a progressão textual. Outro recurso que o autor utiliza é a substituição da expressão *a rede* (linha 8) pelo termo *ferramenta* (linha 9).

6.9 OBSERVAÇÕES GERAIS A RESPEITO DA ANÁLISE

Nesta seção, encontra-se um quadro referente às estratégias de referenciação mais recorrentes, com a finalidade de oferecer uma melhor visualização dessas estratégias nas produções dos alunos e facilitar a compreensão do leitor.

TEXTO 1	TEXTO 2	TEXTO 3	TEXTO 4	TEXTO 5	TEXTO 6	TEXTO 7	TEXTO 8
Repetição	Repetição	Repetição	Expressões nominais definidas	Repetição	Repetição	Repetição	Repetição
Expressões nominais definidas	Expressões nominais definidas	Expressão nominal definida		Hipônimo	Expressões nominais definidas	Expressões nominais definidas	Expressões nominais definidas
		Introdução referencial			Sinônimos	Elipse	
					Hipônimos	Hiperônimo	
					Substituição pronominal		
					Elipse		

Quadro 9 – Estratégias de referenciação encontradas nos textos

Pelo que está exposto no quadro acima, nota-se que a *repetição* foi o recurso empregado com maior frequência nos textos. Como abordado neste trabalho, vários autores (ANTUNES, 2005; KOCH e ELIAS, 2008 et. all) comprovam que esse recurso guarda importantes funções. Para Antunes (2005), por exemplo, um grande papel da repetição é o de enfatizar palavras ou expressões que o autor quer que se sobressaiam, o que depende dos seus propósitos discursivos.

Retomando as ideias de Koch e Elias (2008), vimos ainda que a repetição se configura como um recurso retórico, uma vez que uma de suas principais funções é a de organizar o texto discursiva e estruturalmente, além de reativar na memória do leitor a abordagem temática do texto.

Segundo Antunes (2005), Koch e Elias (2008), o emprego da repetição não é feito aleatoriamente, mas o seu uso está ligado à intencionalidade do usuário da língua. É Antunes (2005) ainda quem vai afirmar que o ensino, não só da repetição, mas de todas as outras estratégias de referenciação abordadas, precisam de um olhar mais cuidadoso por parte dos professores. Ela orienta-os a não condenar a repetição, admitindo ser esse recurso, se utilizado conscientemente, um forte aliado na coesão textual e para o sentido do texto como um todo.

Fazendo referência, mais uma vez, aos textos analisados, compreende-se que os estudantes, ao utilizarem o recurso da repetição, foram motivados pelo seu projeto discursivo. Para tanto, certamente, eles consideraram tanto o contexto linguístico como o extralinguístico, no qual estão envolvidos, dentre outros fatores, os seus interlocutores e a situação comunicativa e sociocultural em que os indivíduos estão inseridos no momento que teceram seu discurso.

Em síntese, a repetição bem como os demais recursos de referenciação abordados nesta pesquisa fazem-se muito importantes na medida em que se configuram como uma teia que, em certo sentido, ‘amarra’ as partes do texto, cumprindo uma função de grande relevância, que é a de assegurar a progressão textual, conforme Santos e Sella (2009). Em outras palavras, as estratégias de referenciação auxiliam na construção e reconstrução do texto/discurso.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos, no decorrer desta pesquisa, o quão a referenciação é importante para a organização do texto e para a compreensão do seu sentido. Isso porque, os sujeitos sociais, ao escreverem, constroem e reconstroem seu discurso a partir do que pensam, vivenciam e constroem na interação com outros sujeitos, nos mais diversos contextos sócio-comunicativos.

Assim, quando o escritor se preocupa em escrever algo que tenha sentido para o seu interlocutor, levando em consideração não só o seu conhecimento gramatical, mas o seu conhecimento de mundo, ele está, na realidade, se preocupando com a necessidade sociointeracional do processo comunicativo.

Ao nos reportarmos aos textos analisados, verificamos que estessão compreensíveis, porém alguns contêm repetições desnecessárias, em certos momentos. O emprego demasiado da repetição, em praticamente todos os textos analisados neste estudo, aponta para a ineficácia do trabalho com texto nas escolas, já que, como vimos, essa não é a única estratégia de referenciação que garante os sentidos e a fluidez textuais. O trabalho com o texto nas escolas ainda privilegia o ensino da redação escolar com base na tríade tipologia textual – a narração, a descrição e a dissertação, que, como afirma Schneuwly e Dolz (1999, p. 8), é desprovido de uma função comunicativa:

“O fato de o gênero continuar a ser uma forma particular de comunicação entre alunos e professores não é, absolutamente, tematizado; os gêneros tratados são, então, desprovidos de qualquer relação com uma situação de comunicação autêntica. Nessa tradição, os gêneros escolares são pontos de referência centrais para a construção, através dos planos de estudo e dos manuais, da progressão escolar, particularmente no âmbito da redação/composição. Sequências relativamente estereotipadas balizam o avanço através das séries escolares, sendo a mais conhecida e canônica, que pode, entretanto, sofrer variações importantes, a “descrição — narração — dissertação”, gêneros aos quais se vêm juntar, em certas épocas históricas, a resenha, o resumo e o diálogo”.

As atividades de produção de texto nas escolas, com raras exceções, ainda se resumem na delimitação de um determinado tema, sobre o qual o aluno deve discorrer num espaço de 30 linhas; quando muito, o professor propõe a leitura e discussão de um texto que aborde a mesma temática que vai ser desenvolvida nas produções para a partir daí o aluno iniciar a sua escrita.

Além disso, são atividades descontextualizadas que visam meramente à atribuição de notas aos alunos e à correção gramatical. Trata-se de um ensino pouco significativo para o alunado por não considerar seus conhecimentos, o contexto de produção do texto nem o destinatário para quem o texto deveria ser destinado, mas o único destinatário é o professor. Por isso, as produções textuais feitas na sala de aula só tem importância no contexto escolar, fora isso não tem outra funcionalidade.

Não há, por exemplo, uma discussão mais pormenorizada sobre o planejamento e a estrutura do texto; os recursos linguísticos que podem ser utilizados para surtir determinados efeitos de sentido nele; nem tampouco a reescrita é trabalhada em sala de aula, só para citar algumas das incoerências no ensino da produção do texto escrito na escola. Desse modo, os alunos acabam por desconhecer as várias etapas da produção textual e ficam com a ilusão de que produzir textos é para poucos, no caso, só os escritores consagrados.

Por outro lado, não devemos perder de vista, que essa forma de se trabalhar o ensino dos textos, muitas vezes, é reflexo das condições de trabalho do professor, para as quais pesam uma série de fatores. Um dos mais decisivos é a carga horária de trabalho do professor que, por ser grande, não lhe permite preparar uma aula diferente do que lhe é proposto nos livros didáticos. Outro fator é o baixo salário que lhe é pago, que não permite que ele adquira materiais e pagar cursos para auxiliá-lo no seu trabalho. Além do mais, há uma grande escassez de recursos nas escolas.

Em que pese todos os problemas enfrentados pelos docentes, pelo fato de a referência representar uma *atividade discursiva* (KOCH, 2013) de grande relevância no texto, é que não se pode perder de vista que esse elemento coesivo precisa ter maior atenção ao se trabalhar com o texto nas aulas. Para isso, os professores devem não somente apontar a ocorrência das estratégias de referência, mas também mostrar que todos os elementos textuais empregados apresentam funções determinantes na obtenção de um discurso eficaz.

Diante do que foi exposto, nesta pesquisa, cabe reforçar que a produção textual não acontece através do emprego de palavras aleatórias, mas há toda uma preocupação do autor no que concerne à escolha léxico-gramatical, bem como em ordenar os elementos textuais (palavras, frases e parágrafos) de modo que estruture um texto coeso e com sentido e isso, em conjunto com outros elementos da textualidade, a referenciação favorece. No entanto, para o desenvolvimento dessa competência linguística, os professores devem ensiná-la aos alunos. Dito de outra forma, quanto antes ensinar ao aluno formas de construir textos com sentido, melhor ele se sairá na produção de seu discurso.

REFERÊNCIAS

- ALVES FILHO, Sebastião Carlúcio. **A referenciação nos textos de alunos do ensino médio.** RevLet – Revista Virtual de Letras, v. 04, nº 02, ago/dez, 2012.
- ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- AZANHA, Elizânia Fábila de Sousa. **A referenciação nos textos jornalísticos oralizados em reportagem do telejornal: um estudo com o jornal nacional.** São Paulo: UNICAMP, 2007.
- BENTES, Anna Cristina. Linguística Textual. In: BENTES, Anna Cristina; MUSSALIM, Fernanda (Org.) **Introdução à linguística.** São Paulo: Cortez, 2003, 259-301.
- CIULLA, Alena. **Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos.** Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2008.
- CUNHA, Angélica Furtado da. Funcionalismo. In: **Manual de Linguística/** Mário Eduardo Martelotta (org.). - São Paulo: Contexto, 2008.
- DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: **Gêneros orais e escritos na escola/** Tradução e organização de Roxane Roxo e Gláís Sales Cordeiro. – Campinas, SP: Mercado de Letras 2004.
- FÁVERO, Leonor L. **Coesão e coerência textuais.** São Paulo: Ática, 2009.
- GONÇALO, Fabiana; COLAMARCO, Manuela. A abordagem da referenciação em livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental. In: **Referenciação e ensino: análise de livros didáticos.** Leonor Werneck dos Santos(org.). Rio de Janeiro: UFRJ, 2013, p. 35-79.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto – 2ª ed.** São Paulo: Cortez, 2003.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coesão Textual.** 20 ed.- São Paulo: Contexto, 2005.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto.** São Paulo: Contexto, 2008.
- LIMA, Geralda de Oliveira Santos; CASTRO, Lorena Gomes Freitas de; CARDOSO, Thiago Gonçalves. **Um olhar sobre a linguagem: o processo da referenciação como estratégia para a construção dos sentidos do texto.** Sergipe: VI Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”, 2012.
- MACHADO, Áurea Maria Bezerra. **A importância da coesão e da coerência em nossos textos.** XVI Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2012, Rio de Janeiro. Cadernos do CNLF. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2012. v. XVI. p. 76-83.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 72.

MARUCI, Fátima Aparecida de Souza. **Desvendando o processo de referenciação no gênero artigo de opinião produzido por alunos da educação básica**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010. Disponível em: *Cadernos do CNLF*, Vol. XIV, Nº 4, t. 3.

OLIVEIRA, Amanda Beatriz Araújo de. **A referência estendida em diferentes gêneros jornalísticos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

SANTOS, Mara Terezinha dos; SELLA, Aparecida Feola. **O processo de referenciação na (re) construção do texto e do sentido**. Travessias (UNIOESTE. Online), v. 07, p. 154-166, 2009.

SCLIAR, Moacyr. “A cigarra e a formiga: a nova versão.” In: Folha de São Paulo.

SILVA, Fábio Gusmão. Um olhar sobre as estratégias de referenciação nos manuais didáticos do Ensino Médio. In: **Referenciação e ensino: análise de livros didáticos**. Leonor Werneck dos Santos (Org.). Rio de Janeiro: UFRJ, 2013, p. 83.

SILVA, Helena Corrêa da. **Estratégias de referenciação em textos da Olimpíada de Língua Portuguesa: escrevendo o futuro**. São Paulo: PUC, 2012.

SILVA FILHO, Vidomar; RODRIGUES, Rosângela Hammes. **Referenciação e orientação argumentativa em uma matéria jornalística**. Linguagem & Ensino, Pelotas, v.14, n.2, p. 503-528, jul./dez. 2011.

TORMENA, Tayana de Alencar. Política Linguística Implícita na virada do século XXI – o Programa Nacional do Livro Didático. Brasília: Universidade de Brasília, 2007

VAGULA, Elisângela Lima; EMÍLIO, Aline. **A referenciação em textos de alunos de cursinho pré-vestibular**. Uniletras, Ponta Grossa, v. 31, n. 2, p. 9-25, jul./dez. 2009.

ANEXO

“A cigarra e a formiga: a nova versão” (Moacir Scliar)

A cigarra e a formiga: a nova versão, transcrita abaixo, cuja análise será demonstrada na sequência. “Uma nova pesquisa sugere que as formigas são traiçoeiras, egoístas e corruptas, contrariando a imagem de insetos de convivência harmoniosa e com predisposição para colocar o bem da humanidade acima de preocupações pessoais. Os pesquisadores Bill Hughes, da Universidade de Leedes, no Reino Unido, e Jacobus Boomsma, da Universidade de Copenhaga, na Dinamarca, descobriram que determinadas formigas conseguem burlar o sistema, garantindo que seus filhotes se tornem rainhas reprodutivas em vez de operárias estéreis: “Essas formigas têm um gene ou genes ‘da realeza’, que lhes dá uma vantagem injusta e permite que tapeiem muitas de suas irmãs altruístas em sua chance de se tornarem rainhas”, diz Hughes. Folha Online. A cigarra e a formiga (traduzida por Bocage): “Tendo a cigarra em cantigas/ passado todo o verão/ achou em penúria extrema/ na tormentosa estação./ Não lhe restando migalha/ que trincasse, a tagarela/ foi valer-se da formiga/ que morava perto dela./ Rogou-lhe que lhe emprestasse/ pois tinha riqueza e brilho/ algum grão com que manter-se/ até voltar o estio./ “Amiga”, diz a cigarra,/ “Prometo, à fé de animal, pagar-vos antes de agosto,/ os juros e o principal.”/ A formiga nunca empresta,/ nunca dá, por isso junta./ “No verão em que lidavas?”,/ à pedinte ela pergunta./ Responde a outra: “Eu cantava/ noite e dia, a toda hora”./ “Oh! Bravo!”, torna a formiga. / “Cantavas? Pois dança agora!” Dançar, a cigarra quase dançou, mas no sentido figurado. Sem quase nada para comer (entre as cigarras não existe o Fome Zero), ela mal conseguiu sobreviver ao longo e tenebroso inverno. Mas, felizmente, a cruel estação passou e ali estava a cigarra, desnutrida, fraca – mas viva. Viva e ressentida. Contra a formiga, obviamente. Não saía de sua cabeça o diálogo que tivera com a cruel vizinha, a quem, afoitamente, pedira ajuda. Na verdade, nem fora bem isso; pedira um empréstimo, para ser pago, com os juros de mercado. Uma transação perfeitamente admissível e que a formiga teria até obrigação de aceitar. Mas não, não aceitara, e por causa disso a pobre cigarra quase passara Mara Terezinha dos Santos, Aparecida Feola Sella 159 desta para melhor. Sobrevivera, mas já não tinha nenhuma vontade de cantar. Poderia fazer shows em vários lugares, convites não lhe faltavam; o traumatismo emocional, porém, a impedia.

E foi então que leu a notícia sobre o maquiavelismo das formigas. Essas criaturas “traíçoeiras, egoístas e corruptas” eram, segundo respeitáveis cientistas, capazes de qualquer coisa para arranjar uma boquinha para a prole na corte (de preferência com cartão corporativo). Recorte de jornal em punho, foi procurar a formiga, que, nesse meio tempo, inaugurara uma financeira e agora emprestava dinheiro a juros a todos os insetos da vizinhança. A cigarra teve certa dificuldade em ser admitida no estabelecimento, mas finalmente chegou à formiga e aí, vibrando de indignação, leu-lhe a notícia e fez um verdadeiro comício: vocês, formigas, são a vergonha do reino animal, vocês não valem nada, só pensam em ferrar o bolso etc. A formiga ouvia, impassível. Quando a cigarra terminou, lembrou que o inverno estava se aproximando; portanto, se a cigarra quisesse um empréstimo, seria bom fazê-lo naquele momento – a tendência dos juros futuros era, segundo todas as previsões, de alta. Se a cigarra não quisesse o empréstimo, o caso seria mesmo dançar. Providencialmente, uma filha da formiga tinha acabado de inaugurar uma escola de dança. Ali, mediante módico pagamento, a cigarra poderia até aprender a dançar naquele sensacional balé, “A Dança dos Juros”.